O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDAÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANO XXXV

ASSIGNATURAS: SEM ESTAMPILHA: ANO 4$600 reis; SEMESTRE: 2$350; TRIMESTRE 1$200; AVULSO 50 reis. COM ESTAMPILHA: ANO 5$140; SEMESTRE 2$650; TRIMESTRE 1$350; AVULSO 55. As assinaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABADOS

Sabado 20 de novembro de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Anuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assina-se unicamente em Aveiro. As assignaturas são pagas adiantadas. Os manuscritos enviados á redação, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:542

E' um dos nossos correspondentes em Paris, Monsieur A. Lorette.—Rue Caumartin, 64.

SUMMARIO:—SER OU NÃO SER.—RUFINO CESAR DE SOUSA MONTEIRO.—JOÃO CARLOS GOMES.—TRIBUNAES ADMINISTRATIVOS.—NOTICIAS LOCAES.—NOTICIAS DIVERSAS.—NOVAS DE LONGE.—ELEIÇÕES.—A PRATA NOS ESTADOS-UNIDOS.—CORREIO DO SUL.—FOLHETIM, IDADE FELIZ, *por Artur Freire*.—SCIENCIAS.—ARABESCOS E MINIATURAS.—PARTE OFICIAL.—TELEGRAMMA.—CARTA DE LISBOA.

Aveiro

SER OU NÃO SER

Discute-se se a dissolução da assembléa representativa deve ou não realisar-se antes da sua proxima reunião em janeiro de 1887. Ha quem opine a favor do áto dissolutario, apresentando-o como inadiavel. A oposição porém sustenta o contrario, alegando que a camara dos deputados apoiara o ministerio, e por tanto não merecia ser tratáda com semelhante desamor. D'este parecer é o *Correio da Manhã*.

Parece-nos que o executivo terá ponderado os pros e os contras de lançar já mão d'aquele recurso extremo. A dissolução é sempre uma arma de dois gumes, e quanto mais tarde os governos fizerem uzo d'ela, maior folga teem. Pelo menos é isto o que nos diz a experiencia. Mas por outro lado não reputamos sincero o procedimento da oposição, nem nos parece que colham os seus argumentos.

Se a camara tem vivido até agora em boas relações com o ministerio, d'isso fizeram já cavalo de batalha as folhas regeneradoras, dizendo que se ele vivia era por mercê dos seus amigos politicos. E estas situações dubias são insustentaveis. Ou ser ou não ser. Por o não ser, é que em janeiro de 1878 a camara regeneradora bateu em brecha o gabinete presidido pelo então marquez d'Avila, obrigando-o a capitular. E todavia a regeneração tinha-lhe prometido o seu apoio, e fora pelos seus esforços que ele logrou constituir governo, antepondo-se ao partido progressista.

Depois de encerrada a sessão de 1886, o ministerio constituiu-se em ditadura, concitando contra si as iras da imprensa da oposição. E se ela representava, como é de presumir, a opinião do partido, claro está que o governo deve contar com a hostilidade declarada da maioria logo no começo dos trabalhos parlamentares. Isto é logico. Ou ser ou não ser. Não ha meio termo.

Mas, objéta-se, como ha de efetuar-se a dissolução na ausencia das côrtes geraes? Ha quem sustente que o fáto é ilegal, e portanto atentatorio dos preceitos constitucionaes. Fechadas as camaras, diz a oposição, não ha lugar para aquele áto, visto que ainda não se manifestou conflito algum entre os dois poderes do estado. Isto, porém, é um sofisma tão grosseiro, que ninguem póde dar-se por convencido.

Se os partidos são agremiações disciplinadas, o conflito dar-se-ha apenas a camara se ache constituida. Ainda os mirones o percebem, quanto mais os atilados, os que andam mourejando ha largos anos nos arraiaes politicos. Portanto *o governo não póde ser colhido de sapita* por uma votação contraria, e quando o seja, deve atribuir-se o caso a imprevidencia.

O mais delicioso da palestra é a allegação do *Correio*, supondo que com isso deu na questão o golpe de misericordia. Ouçamol-o, que o caso é digno de menção especial:

«Sem haver conflito pronunciado e aberto entre o parlamento e o governo, dissolveu o poder moderador em maio de 1870 a camara dos deputados, mas a revolução de 19 d'esse mez fizera com que tudo saisse das suas normas regulares. Estava-se em pleno regimen revolucionario. Campeava o golpe de estado.»

Reponhamos os fátos, pois todos lucram com que se faça historia.

O marechal atacou o paço em 19 de maio e derribou o ministerio presidido pelo duque de Loulé, e ao constituir governo, confiou a pasta do reino a Antonio Rodrigues Sampaio, que era o presidente da camara electiva, e as da justiça e fazenda ao sr. conselheiro Dias Ferreira. Foram logo adiadas as sessões da assembleia representativa, e poucos dias depois appareceu o decreto que a dissolveu.

Era um governo revolucionario, dizse, como que para justificar o áto. Não senhor. O gabinete organisou-se depois e com elementos ordeiros. Sampaio, que primeiro se manifestou contrario á insubordinação de 19 de maio, aceitando depois os fátos consumados, sobraçou a pasta que lhe foi oferecida pelo marechal, e isto d'acordo com o seu partido. O sr. Dias Ferreira, que não tinha colaborado na sedição das cazernas, não teve duvida em adir uma parte da herança jacente. Foi por tanto um governo formado fóra do elemento que determinou o ataque ao paço e o derrocamento do existente. Durava ainda a fusão patuada em 1865 entre historicos e regeneradores, e tanto que Sampaio era o presidente da camara eleita sob os auspicios do ministerio Loulé.

Mas, diz se ainda, o governo saio de uma revolução: campeava por tanto o golpe d'estado. Se é costume chamar ás ditaduras golpes d'estado, a que exerceu o partido progressista no corrente ano de 1886 não póde ter outra designação. E tendo-a, conforme a logica, forçoso é reconhecer-lhe os efeitos. Posto o principio ninguem pode furtar-se a tirar-lhe as consequencias.

Nos *meetings* com que a regeneração tentou agitar a opinião contra a reforma administrativa, dava-se aquele nome ao procedimento do ministerio. As comissões, delegadas do mesmo partido, que foram apresentar ao chefe do estado as suas opiniões por escrito, fizeram-no sentir atravez das frazes que endereçaram á magestade. Logo o governo pode aconselhar já a el-rei a dissolução do corpo legislativo, autorisando-se para isso nos propositos e nas proprias palavras da oposição.

Querera o *Correio da Manhã* engulir as suas declamações anteriores, não se importando já com as protestações de fé publicadas na vespera? Talvez, pelo menos é essa opinião formada á vista do que escreve agora, ao afigurar-se-lhe a dissolução como cabeça de Meduza. Arrecéa-se do áto, e combate-o, porque sente tremer a terra debaixo dos pés e receia das consequencias do seu procedimento inconveniente, porque é impolitico, e por tanto em desarmonia com a opinião sensata e ilustrada do paiz.

Ou o poder moderador dissolva antes ou depois de começarem os trabalhos parlamentares, as regras constitucionaes não serão alteradas, graças ás afirmações do *Correio*, que é chavão n'estes assuntos. Os ministros e conselheiros de el-rei avaliarão, porém, o que melhor convém á causa publica. São eles os responsaveis, e portanto cabe-lhes a escolha do ensejo. Quem tem missão tão grandiosa, não póde estar á mercê das exigencias calculadamente interesseiras da oposição. Quando o governo vir que é ocasião propicia para dissolver a camara, ha de fazel-o sem pedir venia e sem o beneplacito dos regeneradores. O paiz quer que ele administre, e não póde haver administração sem se dar aos gerentes da cousa publica a maior latitude quanto aos meios que devem empregar dentro dos principios e das praxes constitucionaes.

Ou ser, ou não ser. E o que não fôr isto será uma inversão total das normas porque entre nós se tem regulado o regimen monarquico-representativo.

RUFINO CESAR DE SOUSA MONTEIRO

Foi tão grande o sentimento que se apossou de nossa alma ao recebermos a triste nova da morte do sr. Rufino Cesar de Sousa Monteiro, que mal podémos traçar duas linhas noticiando-a. O amigo desinteressado e dedicadissimo que a morte acaba de roubar-nos tinha direito á mais levantada homenagem, mas a dôr que em nós ia não consentiu que lh'a prestassemos. O golpe foi profundissimo, pois hoje são já mais que raros caráteres d'aquela ordem.

Tivemos sempre ao nosso lado o sr. Rufino Cesar de Sousa Monteiro, nos dias de boa e má fortuna, quando o antigo partido historico estava agonisante em Aveiro, quando tudo parecia querer *rebrar para o campo adverso*, porque o poder se eternisava ali, ele ficou firme no seu posto redobrando de dedicação e civismo. Quando nos nossos arraiaes se cantou alfim vitória, o amigo da adversidade fez por se evidenciar o menos possivel; não procurou galardão ou recompensa, pois não era essa a indole do seu nobilissimo carater—quiz ficar soldado e soldado morreu.

Cargos electivos exerceu-os mais d'uma vez e com muita honra, mas os de nomeação regia recusou-os sempre, não só por os julgar incompativeis com a sua antiga fé de legitimista, como tambem porque se não pensasse que eles eram o premio dos serviços que generosa e desinteressadamente prestára ao municipio da terra que tinha por patria adoptiva e ao partido que não sendo o seu, ele valiosamente coadjuvava, imitando assim muitos dos seus mais ilustres correligionarios que em diversas epocas e por motivos diversos se afiaram tambem com o partido progressista para combater a tirania dos governos despoticos e esbanjadores.

Aveiro não foi berço do sr. Rufino Cesar de Sousa Monteiro, mas presa-se de o ter por filho adotivo. A terra natal de s. ex.ª foi Cantanhede d'onde adolescente ja, veio para aqui escolhendo a companhia de seu tio o sr. dr. José Joaquim de Sousa Monteiro, promotor da diocese e um caráter tambem respeitavel e respeitado, que ha anos se finou.

Em 1858 desposou s. ex.ª a ex.ma sr.ª D. Rachel Rebocho Freire de Andrade, filha dos nobres viscondes de Santo Antonio, e uma das damas mais bondosas que temos conhecido.

D'este consorcio houve, além d'alguns filhos que já falleceram, o sr. Francisco Maria de Sousa Monteiro Rebocho, um nobilissimo rapaz, e a ex.ma sr.ª D. Maria Clementina Rebocho Monteiro, virtuosa senhora, casada com o sr. Alfredo Rangel de Quadros.

Desgostos profundos lhe alancearam por mais d'uma vez a alma verdadeiramente spartana, como foram a morte de sua esposa e a de seu filho primogenito; mas a sua coragem, fortalecida pela religião a tudo soube resistir conformando-se com a Suprema Vontade. A doença havia muito já que minava esta existencia querida, mas nada fazia supôr que tão sedo ela nos havia de ser roubada, por isso muito maior foi a nossa dôr e maior ainda é a nossa saudade.

Distinto entre aqueles que mais se abalisam pela devoção acrisolada de partidarios, encontrámol-o sempre ao nosso lado, animando-nos contra o rancor de inimigos irreconciliaveis, e contra os doestos vibrados na imprensa faciosa áqueles que pugnam pelos interesses d'esta terra.

A sua perda é sensivel. Vão-se apagando caracteres d'aquela tempera, e em nossa alma ecoará sempre com tristissimos rebates de saudade a falta d'aquele companheiro infatigavel. Paz á sua alma.

JOÃO CARLOS GOMES

Um traço apenas da fisionomia moral d'aquele prestimoso cidadão, que expirou pranteado por um povo inteiro, que nunca se recusou a prestar-lhe a homenagem das suas simpatias e da sua gratidão.

Ha annos era ele procurador á junta geral do distrito por o colegio de Ilhavo e Vagos, quando o faciosismo politico dos adversarios o envolveu n'um processo crime, apenas com o intuito de inutilisal-o por algum tempo, afastando-o das contendas partidarias. Achava-se ele mansa e socegadamente em sua casa, quando na rua se levantou grande celeuma: soaram gritos clamorosos, e deu-se um espancamento por ocasião de festa, quando se achava aglomerada muita gente.

João Carlos Gomes foi á janela, onde todos o viram em companhia do dr. Rocha Madail. D'ali aconselhou em voz alta o povo a aquietar-se, mas a onda andava revolta, e não era a voz da razão que poderia contel-a. Pois a despeito de ninguem o ver envolvido na desordem, testemunhas houve que foram depôr contra ele!

O despacho de pronuncia estava para ser lavrado quando lhe foram propôr, que se ele não concorresse á sessão da junta, que devia celebrar-se no dia 1.º de novembro, não seria indiciado. João Carlos Gomes não hesitou. Repugnavam-lhe transações que implicassem quebra da sua dignidade. Deixou a sua casa de Ilhavo, apresentou-se em Aveiro enfileirado na ala dos seus correligionarios, e do edificio do governo civil partiu para o homisio, visto que ali mesmo lhe foram comunicar, que estava pronunciado sem fiança como réu de um crime que nem tinha perpetrado nem aconselhado!

Belissimo exemplo de disciplina partidaria! Otima prova de hombridade como homem e como politico! Quizeram pôr-lhe a consciencia em chec, e ele reagiu com a altivez de um espirito superior. Deu uma lição de moralidade politica com a austeridade digna dos tempos antigos, preferindo a perseguição injusta, a transigir com os que por vingança partidaria pretendiam arrastal-o a transações, que capitulava de vergonhosas!

E reagiu sempre, o que lhe valeu a perseguição mais afrontosa que se pode fazer a um homem de bem. Teve portanto de abandonar a sua familia, os seus amigos, toda a sua vida laboriosa e beneficente que o fazia um benemerito da humanidade. E no homisio se arrastou por largos mezes, definhando a olhos vistos, e adquirindo a molestia, de que veio a falecer!

Vejam se taes exemplos não fazem lembrar antigos tempos, quando a fé era inquebrantavel, resistindo ás macerações da carne e ás torturas do espirito!

TRIBUNAES ADMINISTRATIVOS

Do *Diario do Governo* transcrevemos a seguinte portaria e a lista dos cidadãos que hão-de compôr os tribunaes administrativos no continente do reino e ilhas adjacentes:

«Sendo conveniente que em breve espaço de tempo se constituam os tribunaes administrativos dos diversos distritos, organisados por decretos d'esta mesma data, e visto o disposto no artigo 345 e seus paragrafos do Codigo Administrativo: manda Sua Magestade El-rei que no praso de dez dias quanto ao continente do reino, e no de vinte pelo que respeita ás ilhas adjacentes, os juizes e agentes do ministerio publico, nomeados pelos referidos decretos, prestem juramento e tomem posse dos respétivos cargos, nos termos dos artigos 276 e § unico, e 281 § 2.º do citado codigo, o que para os devidos efeitos se comunica tambem aos conselheiros presidentes e procuradores regios das relações de Lisboa, Porto e Ponta Delgada.

Paço, em 18 de novembro de 1886. —*José Luciano de Castro.*

Para o distrito de Angra do Heroismo, presidente, bacharel José Martiniano Dias da Silveira, delegado do procurador regio na comarca de Angra do Heroismo; vogal, bacharel Antonio Fortunato Freire Thomudo, idem na de Monsão; vogal, bacharel Francisco Zuzarte Gil, idem na de Alcobaça.

Para o distrito de Aveiro: presidente, bacharel Francisco Faustino Rezende e Brito, delegado do procurador regio na comarca de Agueda; vogal, bacharel Antonio Honorato Marques Perdigão, idem na do Fundão, vogal, bacharel Francisco Anusto Lobo Castelo Branco, conservador privativo do registro predial na comarca de Oliveira do Hospital.

Para o distrito de Beja: presidente, bacharel José dos Santos Pegas Cabrita, delegado do procurador regio na comarca de Setubal; vogal, bacharel Vicente Dias Pereira, idem na primeira vara da de Lisboa; vogal, bacharel Carlos Augusto Pina, idem na de Castro Daire.

Para o distrito de Braga: presidente, bacharel José Guilherme Pereira Barreiros delegado do procurador regio na comarca de Barcelos; vogal, bacharel José Rodrigues de Almeida Ribeiro, idem na de Vila Real; vogal, bacharel Frederico Filmon da Silva Avelino, conservador privativo do registro predial na comarca de Vila Nova de Famalicão.

Para o distrito de Bragança: presidente, bacharel José Pinto Ferreira Dias, delegado do procurador regio na comarca de Bragança; vogal, bacharel José Justino Fernandes Dias, idem na de Amarante; vogal, bacharel José Joaquim Pinto, conservador privativo do registo predial na comarca de Rezende.

Para o distrito de Castelo Branco: presidente, bacharel Antonio Coelho de Araujo e Azevedo, delegado do procurador regio na comarca de Melgaço; vogal, bacharel Antonio Maria Pina de Azevedo Castelo Branco, idem na de Vila Nova de Portimão; vogal, bacharel Albano Teixeira Pinto do Amaral Cirne, idem na de Barco de Canavezes.

Para o distrito de Coimbra: presidente, bacharel Antonio Rodrigues David, delegado do procurador regio na comarca de S. Thiago de Cacem; vogal, bacharel Anita Correia Taborda, idem na de Arcos de Val-de-Vez; vogal, José Paulo Monteiro Cancela, idem na de Cantanhede.

Para o distrito de Evora: presidente, bacharel Baltasar Monsinho de Vasconcellos Amadanim, delegado do procurador regio na comarca de Niza; vogal, bacharel João de Paiva, idem na de Tavira; vogal, bacharel Francisco Luiz Continho da Silva Carvalho, conservador privativo do registro predial na comarca de Monte-móro-Velho.

Para o distrito de Faro: presidente, bacharel Antonio Cardoso e Silva, delegado do procurador regio na 1.ª vara da comarca do Porto; vogal, bacharel João Maria da Silva Mendes Sobral, idem na de Nafra; vogal, bacharel Antonio Pedro Barbona Fragoso, idem na de Faro.

Para o distrito do Funchal: presidente, bacharel Aloysio Augusto de Pinho, delegado do procurador regio na comarca de Soure; vogal, bacharel Felix Thonaz de Azevedo, idem na de Vianna do Castelo; vogal, bacharel Manuel Maria de Melo e Simas, idem na da Horta.

Para o distrito da Guarda: presidente, bacharel Antonio Augusto Freire Ribeiro de Campos, delegado do procurador regio na comarca de Figueira de Castello Rodrigo; vogal, bacharel José Joaquim da Cruz Capelo, idem na de Vila do Conde; vogal, bacharel Antonio Marques de Albuquerque, conservador privativo do registro predial na comarca da Guarda.

Para o distrito da Horta: presidente, bacharel Diogo Tavares de Melo Leote, delegado do procurador regio na comarca de Silves; vogal, bacharel Francisco Pereira de Melo Marinho Falcão, idem na de Tafe; vogal, bacharel Antonio Borges de Alcantara, idem na de Ribeira Grande.

Para o distrito de Leiria: presidente, bacharel Augusto Mendes Barata, delegado do procurador regio na comarca das Caldas da Rainha; vogal, bacharel Guilherme Monteiro Soares de Albergaria, idem na de Santarem; vogal, bacharel Lidonio Mendes Pinto de Carvalho, idem na de Thomar.

Para o distrito de [illegible] sidente, bacharel Alvaro de [illegible] Calcão Povoas, juiz de direito de 3 [illegible] na comarca de Reguengos; vogal, bacharel Alvaro de Mendonça Coelho, delegado do procurador regio na 6.ª vara da comarca de Lisboa; vogal, bacharel Antonio Augusto Nogueira Souto, idem na de Vila Nova de Famalicão.

Para o distrito de Ponta Delgada presidente, bacharel Francisco Moniz Barreto de Corte-Real, antigo delegado do procurador regio; vogal, bacharel José Maria Pedroso Barata dos Reis; delegado do procurador regio na comarca de Alvas; vogal, bacharel Julio Pereira de Carvalho e Costa, idem na de Ponta Delgada.

Para o distrito de Por[illegible]: presidente, bacharel Abel de C[illegible]ho Freire de Macedo, juiz de direit[illegible] 3.ª classe no quadro sem exercicio; [illegible] bacharel José Diniz da Fonseca, d[illegible] do procurador regio na comarca [illegible]rda; vogal, bacharel Joaquim L[illegible] Vidal, conservador privativo do registo predial na comarca de Monte-móro-o-Novo.

Para o distrito do Porto: presidente, bacharel Francisco Maria Lopes de Almeida Ferreira, delegado do procurador regio na 2.ª vara da comarca do Porto; vogal, bacharel Francisco Augusto da Silva Leal, idem na do Peso da Regua; vogal, bacharel Artur Alberto de Campos Henriques, idem na de Guimarães.

Para o distrito de Santarem: presidente, bacharel Fernando Frederico Bartolomeu, delegado do procurador regio na comarca do Cartaxo; vogal, bacharel Joaquim Ferreira de Pina Calado, idem na de Torres Novas; vogal, bacharel José Joaquim Lopes Tavares, idem na de Figueira da Foz.

Para o distrito de Viana do Castelo: presidente, bacharel João de Souza Vilhena, delegado do procurador regio na comarca de Chaves; vogal, bacharel Antonio Augusto de Abreu, idem na de Moimenta da Beira; vogal, bacharel José Homem da Silveira Sampaio e Melo, idem na de Ponte da Barca.

Para o distrito de Vila Real: presidente, bacharel João Manuel de Andrade, delegado do procurador regio na comarca de Almeida; vogal, bacharel Augusto Cesar de Sá, idem na de Aveiro; vogal, bacharel João Miguel de Azevedo Pinto e Vasconcelos, idem na de Val-Passos.

Para o distrito de Vizeu: presidente, bacharel João de Almeida Santos e Vasconcelos, delegado do procurador regio na comarca de Fornos de Algodres; vogal, bacharel Francisco Manuel de Almeida, idem na de Moncorvo; vogal, bacharel Jeronymo do Couto e Sousa, idem na de Satam.

— Foram nomeados, na conformidade do artigo 279 do Codigo Administrativo, aprovado por decreto de 17 de julho ultimo, agentes privativos do ministerio publico junto dos tribunaes administrativos nos distritos do continente e ilhas, que lhes vão designados, os seguintes individuos:

Para o distrito de Angra do Heroismo: Diogo de Barcelos Machado Betencourt.

Para o distrito de Aveiro: Joaquim Pereira da Silva Amorim.

Para o distrito de Beja: José Joaquim da Costa Pinto Tiago.

Para o distrito de Braga: Custodio Leite Pereira d'Abreu e Sousa.

Para o distrito de Bragança: Leopoldino Augusto Ramires.

Para o distrito de Castelo Branco: Agostinho Antunes de Lemos Viana.

Para o distrito de Coimbra: Constantino Antonio Alves da Silva.

Para o distrito de Evora: João Antonio da Gama Lobo Pimentel.

Para o distrito de Faro: Alexandrino da Silva Guimarães.

Para o distrito do Funchal: Joaquim Ricardo da Trindade Vasconcelos.

Para o distrito da Guarda: Bernardo Xavier Freire.

Para o distrito da Horta: Manuel Mousaco.

Para o distrito de Leiria: Antonio da Costa Santos.

Para o distrito de Lisboa: Tito Vespaziano Castelo Branco.

Para o distrito de Ponta Delgada: José Maria Tavares Ferreira.

Para o distrito de Portalegre: Pompeu Gnedes Coutinho Garrido.

Para o distrito do Porto: Henrique Maria Ferraz Viana.

Para o distrito de Santarem: José Joaquim Dias.

Para o distrito de Viana do Castelo: Antonio Mendes Soares de Vasconcelos.

Para o distrito de Vila Real: João Baptista Guerra.

Para o distrito de Vizeu: Carlos Alberto Frederico de Albuquerque.

Noticias Locaes

Apontamentos de carteira.—Estiveram na quinta-feira em Aveiro os nossos ilustrados amigos, os srs. dr. Daniel de Araujo Ribeiro, digno administrador do concelho de Oliveira d'Azemeis; Antonio Mariano de Souza Ribeiro, digno tesoureiro da camara municipal de Estarreja, e José Augusto de Souza Ribeiro, digno escrivão e tabelião d'aquela comarca.

Estada.—Acha-se n'esta cidade o sr. Manuel Carlos d'Almeida Brandão, distinto engenheiro, que chegou ha pouco de Paris, e que foi mandado fazer serviço na direção das obras publicas d'este distrito, sendo encarregado já da séção de Agueda.

Defeza.—O sr. dr. José Maria Barbosa de Magalhães, um dos primeiros redátores d'este jornal e advogado distinto foi hoje a Ovar, onde estão abertas as audiencias geraes, defender um réu.

Um anjo.—Na noite de terça-feira ultima subiu ao Ceu a alma do filhinho mais novo do nosso dilêto colega n'esta redação, dr. Barbosa de Magalhães. Dadas as circumstancias fenomenaes da sua existencia, o passamento foi um alivio para os estremosos paes, mas pungente a saudade que sempre causa a falta d'um ente querido.

Sindicancia.—Não é o sr. general Carvalho, que chegou ha dias a esta cidade como noticiámos, mas sim o sr. general Froes, segundo comandante da 2.ª divisão militar e que ainda se acha aqui. O motivo da vinda de s. ex.ª, diz o nosso colega do *Imparcial*, de Coimbra, que é o fazer uma «sindicancia a fatos de extraordinaria gravidade praticados ultimamente no regimento de cavalaria 10.»

O colega está mal informado; o regimento de cavalaria 10, apesar da sua curta existencia, pode já apresentar-se com um modelo de boa administração militar. Não ha senão que louvar, tanto os srs. coroneis Miranda e Correia como o sr. major Garcez, que atualmente está comandando o regimento, podem vangloriar-se da maneira exemplarissima por que tem exercido o comando, e de que são testemunho as palavras de merecido louvor que lhes dirigiram S. A. o sr. infante D. Augusto e s. ex.ª o sr. ministro da guerra, visconde de S. Januario. No regimento não se deu fato algum que mereça censura; tudo o que se diz ser motivo da sindicancia não passa de uma intriga de caserna que em breve desaparecerá á luz da verdade. O sr. major Garcez, que atualmente está á frente do regimento, bem como toda a ilustrada oficialidade, não fizeram agora como sempre senão o seu dever.

Actos camararios.—Na sua sessão de quinta-feira, a camara sob proposta do seu presidente fez consignar na acta um voto de sentimento pelo passamento do seu ilustre vice-presidente o sempre chorado sr. Rufino Cezar de Sousa Monteiro, de saudosa memoria.

Por proposta do mesmo foi votado, para preencher a vaga no cargo do extinto, o sr. José dos Santos Gamelas, que ha de exercer dignamente, como tem exercido já como vereador mais velho, o cargo de que agora se acha investido.

Novo estabelecimento.—Acaba de estabelecer-se n'esta cidade, com loja de guarda-soes, na Rua dos Mercadores n.os 19 a 23, o honrado e laborioso industrial e comerciante, o sr. Manuel José Soares dos Reis, nosso dedicadissimo correligionario, fundador e antigo proprietario do *Ovarense*, que tão relevantes serviços prestou ao partido progressista de Ovar na luta ingente travada contra as prepotencias e selvagerias do partido araista. Desejamos ao habil artista todas as prosperidades de que é merecedor.

Contribuições.—Acha-se aberto o cofre da Recebedoria da Comarca para a receção dos impostos denominados contribuição de renda de casa e sumptuaria, e decima de juros e isto até ao dia 1 de dezembro. Depois d'este dia augmentam mais os 3 0/0, vindo em seguida o juro da móra. No mez de janeiro serão relaxados ao poder judicial os conhecimentos que ficarem por cobrar.

Apressem-se por tanto os contribuintes, porque o primeiro prazo está a findar e se se demorarem, terão de pagar mais, o que não é nunca agradavel a ninguem.

Novo bairro.—Vão muito adiantadas as construções do novo bairro dos Santos Martyres—as dos srs. Reis e Garcia principalmente, nenhum dos quaes se tem poupado a esforços para que, dentro de pouco, tenham habitadores as muitas casas que ali se construem. Excede talvez o numero de 300 habitações as que se tem construido e se vão construir desde que a actual vereação tomou posse do pelouro municipal. Só bairros completos ha tres: o da Ponte dos Amores, no principio da cidade, pela parte do Sul; o dos Santos Martyres, ao poente da mesma junto do antigo bairro do Alboi; e o do Rocio, tambem ao poente da cidade do lado do norte—onde principalmente se sentia muito a falta de habitações, pois que viviam ali duas e tres familias n'um espaço de poquissimos metros. Agora ha-de alargar-se mais, muito mais a esfera da população, que cresce na razão direta das habitações que se construem—crescendo tambem o rendimento municipal, pois os fóros pelos terrenos onde se constroe é já valioso.

Bolo aos cães.—A camara resolveu mandar aphcar o bolo aos cães vadios. O sr. delegado de saude pediu com muito fundamento que se adotásse sem demora essa medida, em vista do mal que ultimamente se tem desenvolvido n'esta especie, e a camara ordenou já que isso se tizesse precedendo o aviso publico que aos donos de cães de estimação se deve fazer.

Beneficencia.—E' o subscrever para o fim que abaixo vae especificado, para o qual chamamos a atenção de todas as almas caridosas.

Um infeliz sem meios de subsistencia e chefe de familia, corre risco de ir á cadeia pagar a multa de 50$000 reis d'um processo; para evitar esta desgraça, apelamos para a caridade publica e abrimos subscrição.

Transporte. . .	6$000

Novo engenheiro.—Foi nomeado o sr. Xavier Esteves para esta circumscrição hidraulica.

Juros d'inscrições.—Já se recebem no cofre central d'este distrito e nas comarcas as relações dos juros das inscrições do actual semestre e afrazados.

Inspéção.—Teve logar no dia 15 no governo civil, sob a presidencia do sr. tenente coronel do 10 de infanteria, a inspéção militar d'este mez, sendo este acto pouco concorrido de mancebos recrutados. Não houve nenhuma remissão.

Vales do correio.—Importáram em 11:466$538 reis os vales do correio pagos no cofre central e comarcas d'este distrito no mez de outubro ultimo.

Estado do mar.—Não tem sido inteiramente bom o mar. Apesar d'isso tem havido trabalho em algumas costas, trabalho arriscado quasi sempre pelo estado em que se tem conservado, e sempre improdutivo! Apenas hontem começou a aparecer alguma sardinha, indo as redes a uma distancia de alguns kilometros, tão afastada ela anda, infelizmente.

Contrasta isto singularmente com o que sucede no mar de Lisboa e d'ali para o sul, onde a sardinha anda quasi sobre a terra, e onde as pescas por isso tem descido bastante de valor.

Mercado de sardinha.—Está abastecido com as remessas chegadas de Lisboa o mercado de sardinha, e como quasi que não ha outra de melhor procedencia, é ela a que se vae vendendo, saindo todos os dias grande quantidade para diferentes pontos do distrito e da Beira. O preço é de 600 reis o milheiro.

Desgraça.—Dizem-nos de Espinho com data de hoje o seguinte:

Acaba de dar-se n'esta praia uma lamentavel desgraça. Um moço, que me dizem ser regente d'uma banda marcial (musica regimental), que aqui estava a banhos, estando a tomar o de hoje prezo por uma corda á cintura, e a outra extremidade na mão do banheiro, *que estava a pé enxuto*, envolveu-se n'uma grande vaga. O banheiro puxou-o para terra; mas a corda quebrou, e o infeliz moço, depois de um momento de suplica para terra, desapareceu, e o cobarde banheiro fugiu para casa levando a ponta da corda que lhe ficou nas mãos. O banheiro—*salva-vidas*—o intrepido Manuel Neto, chegava á praia a esse tempo; e quando corria para ir salvar mais aquela preciosa vida, desaparecia o infeliz.

Foi geral a consternação, e muitas familias que ainda estão aqui, deixaram de tomar banho. Os paes do desditoso moço viram da praia desaparecer o seu estremecido filho. Bom é de imaginar o seu sofrimento angustioso. F.

Noticias Diversas

Eleições administrativas no concelho do Carregal.—N'este concelho ficaram eleitos para a

CAMARA MUNICIPAL

Efétivos.—Dr. Alexandre Coelho Monteiro Machado, Francisco Rodrigues de Sousa Leite, e Fiel Tavares Ferrão.

Substitutos.—Germano Vieira de Lima, Tomaz Ribibeira Castanheira, e Antonio de Sousa Mendes.

PARA A JUNTA GERAL

Efétivo,—José Caetano Henrique dos Reis.

Substituto.—Julio Augusto Bernardes.

Despachos administrativos.—Verificaram-se os seguintes:

Antonio Ruy Gomes, nomeado administrador de Redondo.

Carlos Cardoso Bacelar, exonerado de administrador substituto de Borba.

Antonio Maria Maduro, nomeado para o referido lugar.

João Pedro Peixoto, exonerado de administrador substituto de Redondo.

Antonio Marques Rosado, nomeado para o referido lugar.

Casimiro Eduardo de Abreu, exonerado de administrador substituto de Monção.

Alonso Rosado Esquinel, nomeado para o referido lugar.

Miguel Maria Gonçalves, exonerado de administrador substituto de Azambuja.

João Sabino de Almeida Fernandes, exonerado de administrador subsiituto de Benavente.

Luiz Carlos Pinto de Azevedo, nomeado para aquele lugar.

Bacharel Luiz Duarte Rebelo da Camara, exonerado de administrador da Vila do Porto.

Carlos Cardoso Bacelar, nomeado administrador de Borba.

Casimiro Eduardo de Abreu, nomeado administrador de Mourão.

Autorisando a Companhia das Aguas da cidade do Porto a fazer diversas expropriações.

Bacharel Alvaro de Mendonça Machado de Araujo, transferido de secretario geral do governo civil da Horta para o de Bragança.

Bacharel Francisco Cabral de Moncada, exonerado de administrador de Cintra.

Joaquim Maximo de Calça e Pina, nomeado administrador efétivo do concelho de Souzel.

Vicente Antonio de Almeida, exonerado de administrador substituto de Silves.

Antonio Simões Neto, nomeado para o referido lugar.

Vicente Carlos de Souza, nomeado administrador substituto de Albergaria.

Os vinhos para França.—Teve uma solução satisfatoria dizem as *Novidades* a questão da elevação dos direitos em França sobre os vinhos de importação, que ameaçava o nosso mais importante ramo de comercio, e tambem os interesses comerciaes da Hespanha e da Italia. O ministro da fazenda, o sr. Sadi Carnot já retirou o projeto, que havia apresentado a tal respeito.

Esta vitoria deve-se, em grande parte, á nossa diplomacia. Foi de Portugal, que partiu a ideia d'uma ação coletiva das tres potencias interessadas; e foi tambem o nosso paiz, que forneceu os melhores subsidios para o governo francez fazer justiça.

Logo que a questão apareceu, e ainda antes da imprensa dar rebate, o nosso governo procedia ás primeiras diligencias. Pela direção geral de agricultura organisou-se uma memoria, com o resumo de todas as analyses (cerca de 2:000) feitas nos nossos vinhos por ocasião da exposição distrital em Lisboa, e com outros subsidios complementares. Esse trabalho foi enviado pelo ministerio dos negocios estrangeiros ao nosso representante em Paris, e o sr. conde de Valbom formulou um *memorandum*, proficiente e largamente desenvolvido, contendo as nossas reclamações. Serviu tambem esse *memorandum* para base das reclamações da Hespanha e da Italia.

O sr. de Freycinet mandou imprimir o *memorandum* do nosso ilustre representante, e distribuil-o pelas estações competentes. As informações d'elas foram taes, que o governo francez, até então disposto a insistir no seu projeto, desistiu d'ele, como já está oficialmente anunciado.

No meio d'esse marulhar de lama, com que se procura desvirtuar os esforços, que o governo emprega na defeza dos interesses publicos, é de satisfação poder comunicar taes noticias, que de certo serão recebidas com aplauso por todos aqueles, a quem o faciosismo não cega.

Ave rara.—Ao museu da Universidade foi oferecido pelo redátor da *União*, de Fornos d'Algodres, uma ave que media 1m,58 com as azas estendidas, de ponta a ponta.

A plumagem era uma beleza. Como o tiro não ferisse a ave, foi preciso matal-a a pau e pedra.

Pesava perto de 4 kilogramas.

Notou-se logo que era ave de rapina, da familia das noturnas. Tinha tres pés de envergadura, os tarsos e dedos cobertos de penas, o bico e as unhas negras, os olhos grandes e salientes, o iris de uma viva cor emarela, cabeça grande, com dois martinetes de penas aleonadas, a plumagem, semelhando arminhos, era salpicada de louro, vermelho, negro e pardo. As penas das azas eram avermelhadas por cima, e escuras por baixo.

No museu disseram ser esta ave um formoso exemplar, femea, o primeiro que possue d'esta região, de bufo ou curujão, a maior das aves noturnas. Esta ave, que só aparece no inverno, no estio anda escondida nas grutas e rochedos dos mais altos montes. Alimenta-se de perdizes, lebrachos e coelhos que caça.

O museu tinha todo o interesse em conseguir um ninho, com ovos, d'esta ave, o que dizem ser facil conseguir nas *Portas do Rodam*, no concelho de Vila Velha. No cume das *Portas do Rodam*, margem esquerda do Tejo, em sitio em que é [illegible] e chega a ser perigosa a ascensão, [illegible] todos os annos creação d'essas aves que não sabemos se serão eguaes á que agora foi morta n'essa região.

Aspirantes de marinha.—Foram nomeados aspirantes extraordinarios de marinha os srs. Alfredo Loureiro da Fonseca, João Ribeiro, Antonio Alberto Rodrigues Belo, Alfredo Soares e Julio Milheiro.

Promoção no exercito.—Fizeram-se as seguintes:

Alferes, de caçadores 3 o alferes graduado de caçadores 10, Francisco Ludovico Noronha.

Alferes, de caçadores 8 os alferes graduados de caçadores 2, João Vitorino da Fonseca, e de caçadores 6, José Pinto de Almeida.

Alferes, de caçadores 9 o alferes graduado de caçadores 10, José de Sousa da Fonseca Ornelas.

Capitão de caçadores 11 o tenente Manuel Araujo Brocas.

Tenente de infanteria 9 do 5 de caçadores Augusto Sezinando Ghira.

Tenente de infanteria 10, o alferes de caçadores 9, João Correia dos Santos.

Tenente de infanteria 12, o alferes de infanteria 3, Albino Candido Ferreira Pinto.

Alferes d'infanteria 13, o 1.º sargento de infanteria 8, Victorino dos Santos.

Tenente-coronel de infanteria 20, o major Eugenio Augusto Soares Luna.

Tenentes de infanteria 21, os alferes de infanteria 4, Manuel Maria Rebelo; de infanteria 7, Antonio Alfredo Alves; e de infanteria 10, João Antonio Correia.

Alferes de infanteria 24, o 1.º sargento de caçadores 8, Estevão José Boaventura dos Reis.

Correio da moda. — Extrahimos a seguinte cronica da *Moda Ilustrada:*

«Cada vez se vae tornando mais dificil esta nossa tarefa, não porque não haja constantemente mais ou menos novidades em artigos de modas para fazermos notar ás nossas leitoras, mas porque, querendo sempre aconselhar-lhes a economia nos seus vestuarios, vêmos que isso cada vez se nos torna mais impossivel. N'este inverno são lindas as *toiletes*, havendo n'elas uma simplicidade elegante que agrada, mas é perder de todo a esperança de que se possa fazer um traje barato. Formando as pelucias e os veludos grande parte dos vestuarios d'esta estação, misturados com as lãs, tornam-se as *toiletes* de preço elevado. Os bordados e passamanarias que servem de guarnições, sendo o resultado de muitos dias de trabalho de habeis obreiras, atingem tambem um preço fabuloso.

Porém, não desanimemos de todo; não serão só as sonhoras ricas que se poderão vestir bem, serão tambem aquelas que, dando uma verdadeira atenção as suas *toiletes*, podem pela elegancia do córte e pelo gracioso do feitio, conseguir tornar um vestido de pequeno custo muito superior a outros que só tenham de valor o grande preço que custou o tecido.

Dá hoje o nosso jornal modêlos da casa Felix, uma das primeiras de Pariz, muitas vezes escolhida por Sarah Bernhard para a confeção das suas esplendidas *toiletes*.

Aqueles vestidos em que os modêlos são de pelucias, veludos e sedas, podem as nossas leitoras fazel-os com lãs, misturando as lisas ás de riscas ou quadrados. São estes vestidos sobrios de guarnições, e toda a sua beleza consiste na elegancia com que são compostos os apanhados das saias e na arte com que cáem as prégas. Os corpos de veludo que os acompanham podem-se tornar uma economia, porque usados com outras saias, principalmente as de rendas pretas ou brancas, formam bonitas e variadas *toiletes* para teatro e pequenas *soirées*.

Nas saidas de teatro ha este anno grande mudança, e as grandes capas brancas que envolviam as senhoras, dando ás vezes ao salão de espera o aspéto da scena dos tumulos do *Roberto*, vão desaparecendo, e vêem-se as pequenas visites de pelucia, de côres brilhantes, adornadas com guarnições de peles, barras de plumas, franjas de poupons, tudo o que a fantasia das modistas francezas tem creado de mais novo e elegante. As capas assim curtas téem a vantagem de deixar a descoberto as *toiletes*, e, pequenas, conchegadas, tendo os forros de setim acolchoado, são de um conforto inexcedivel.

Este anno os passaros de fantasia e as aigretes finas téem uma grande voga. Nos chapéus, vindos de Pariz como modêlos, encontramos sempre esses enfeites que lhes dão uma grande elegancia, mas que, para as pequenas bolças tem o mesmo inconveniente que achamos nos tecidos em que ainda agora falamos: é o preço elevadissimo que custam. Mas no chapéu o que deve ter mais em conta é se ele nos fica bem ou mal, e por isso preferimos muitas vezes um laço que enfeite com graça a frente de um chapéu a uma cabeça da *Aigrete* com a sua pópa natural formada de penas finas como fios de seda terminados por lequesinhos de penas que custam de 40 a 50 francos, mas que mal colocada nos fica horrivelmente.

Novas de Louge

A familia do conde de Paris. — Os condes de Paris, sua filha a princeza Helena e o duque de Aumale, estão desde o dia 9 do corrente em casa do principe de Gales, na sua residencia de Sandringan.

O principe e a princeza de Gales convidaram tambem muitos francezes, seus amigos, para tomarem parte nos festejos, caçadas, etc., que deviam ter-se realisado no dia 9 do corrente, aniversario natalicio do principe herdeiro de Inglaterra.

Duque de Orleans.—O duque de Orleans, irmão da nossa princeza D. Ameiia, vae entrar na escola militar de Sawdhurst, em Inglaterra. Seu pae, o conde de Pariz, requereu ao governo britanico licença para isso, que lhe foi imediatamente concedida.

Princeza D. Eulalia.—A princeza D. Eulalia, irmã do falecido rei D. Afonso de Hespanha, e esposa do duque de Montpensier, filho, teve o seu bom sucesso ás 2 horas da madrugada de 12, com a maior felicidade. E' um menino, a quem parece que será posto o nome de Afonso.

O czar assassinio.—Refere o *Gaulois* que o conde de Reutem, que dizem ter sido assassinado pelo czar, não morreu; ao contrario gosa magnifica saude.

O general barão de Fredericks, primeiro adido á embaixada da Russia, assim nol-o certificou, pois que o conde esteve em Paris no mez passado. Um outro general russo, que acaba de chegar, participa-nos ter deixado o conde, em S. Petersburgo, de perfeita saude.

E' certo ter morrido um Reutem, que tambem pertencia á casa do czar, como oficial, mas foi na Criméa, e d'uma doença de peito, em abril ultimo.

ELEIÇÕES

Agueda. Venceu a lista progressista.
Albergaria. Idem.
Arouca. Idem.
Almeirim. Idem.
Anadia. Idem.
Arraiolos. Idem.
Aveiro. Idem.
Aljustrel. Idem.
Albufeira. Idem.
Alcobaça. Idem.
Aljezur. Idem.
Almada. Venceu a lista progressista por 46 votos, e a de procuradores á junta por 38.
Almodovar. Eleita a lista progressista sem oposição.
Alter do Chão. Idem.
Alvaiazere. Eleita a lista progressista.
Alvito. Idem sem oposição.
Ancião. Eleita a lista progressista.
Arganil. Idem.
Batalha. Idem.
Barcelos. Idem.
Barquinha. Vitoria completa para a lista progressista.
Barrancos. Eleita a lista progressista.
Beja. Idem.
Borba. Idem.
Boticas. Idem.
Braga. Idem.
Cabeceiras de Basto. Venceu a minoria progressista.
Cadaval. Triunfou a lista progressista por grande maioria.
Caldas da Rainha. Eleita a lista progressista.
Campo Maior. Idem.
Cantanhede. Progressista sem oposição.
Cascaes. Eleita a lista progressista.
Castelo Branco. Venceu a lista da oposição.
Castro Verde. Eleita a lista progressista sem oposição.
Celorico de Basto. Venceu a lista progressista por grande maioria.
Chaves. Eleita a lista progressista.
Cintra. Idem.
Coimbra. Idem.
Coruche. Idem.
Condeixa. Idem.
Evora. Idem.
Elvas. Idem sem oposição.
Espozende. Venceu a lista progressista por grande maioria.
Fafe. Eleita a lista progressista.
Famalicão. Eleita a minoria progressista por grande votação.
Ferreira do Alemtejo. Lista progressista sem oposição.
Figueiró dos Vinhos. Eleita a lista progressista.
Fornos d'Algodres. Idem.
Fronteira. Idem.
Golegã. Idem.
Guimarães. Eleita a minoria progressista por grande votação.
Idanha. Venceu a oposição por 20[illegible] votos.
Leiria. Eleita a lista progressista.
Loulé. Triumfou a lista progressista
Lourinhã. Eleita a lista combinada
Procurador o sr. Alves Martins progressista.
Lousã. Venceu a lista progressista.
Mafra. Lista progressista.
Marvão. Idem.
Mertola. Lista progressista sem oposição.
Moimenta. Vitoria completa progressista.
Monforte. Eleita a lista progressista sem oposição.
Montemòr-o-Novo. Venceu a lista progressista contra regeneradores e republicanos coligados.
Montemór-o-velho. Venceu a lista progressista.
Moura. Eleita lista progressista sem oposição.
Mourão. Venceu a lista progressista.
Nelas. Eleita a lista progressista.
Obidos. Lista progressista.
Odemira. Eleita lista progressista sem oposição.
Olhão. Lista progressista.
Oliveira de Azemeis. Eleita lista progressista por grande maioria.
Oliveira do Hospital. Lista progressista sem oposição.
Pedrogam Grande. Lista progressista.
Penalva Castelo. Maioria da camra e procuradores á junta progressista.
Peniche. Triumfou a lista progressista.
Pesqueira. Vitoria completa paraos progressistas.
Pombal. Idem.
Ponte do Sôr. Lista progressista.
Portalegre. Idem.
Porto de Moz. Idem.
Regoa. Venceu a lista progressita por 817 votos.
Sabrosa. Venceu a lista progressista.
Santa Marta de Penaguião. Lita progressista para a junta geral e maioria da camara.
S. João de Areias. Vitoria complta para os progressistas.
Seixal. Lista governamental.
Serpa. Lista progressista sem oposição.
Taboa. Venceu a oposição.
Tavira. Lista progressista.
Tondela. Vitoria completa paraos progressistas.
Vale Passos. Lista progressista.
Viana do Alemtejo. Lista progressista.
Vidigueira. Lista progressista sm oposição.
Vieira. Vencida a minoria de procuradores á junta.
Vila Nova de Portimão. Lista progressista.
Vila Real. Certa a vitoria para os progressistas.
Vila Real de Santo Antonio. Lita progressista.
Vila Verde. Lista progressista por grande maioria.
Figueira. Venceu a lista progressista.
Foscôa. Idem.
Penafiel. Idem.
Felgueiras. Idem.
Gondomar. Idem.
Santo Thyrso. Idem.
Povoa de Varzim. Idem.
Gaya. Idem.
Valongo. Idem.
Paços de Ferreira. Idem.
Porto. Os progressistas venceram a maioria e minoria por grande votação
Regoa. Venceu a lista progressita por grande maioria.
Castro Daire. Os progressistas venceram a maioria e minoria,
S. Pedro do Sul. Os progressistas venceram por 400 votos de maioria.
Arcos de Val de Vez. Venceu a maioria progressista por mais de 1:700 votos.
Ponte da Barca. Idem por mais de 600 votos.
Monsão. Idem por mais de 500 votos.
Arruda. Lista progressista 1:113; da oposição 644.
Santarem. Venceu a lista progressista por 1:922 votos.
Móra. Venceu o partido progressista, maioria e minoria.
Pampilhosa. Lista progressista.
Miranda do Corvo. Idem.
Penacova. Idem.
Poiares. Eleição mixta.
Extremoz. Lista progressista.
Portel. Oposição.
Vila Viçosa. A oposição venceu os procuradores á junta e a maioria da camara.
Ponte de Sôr. Na assembleia de Montargil um grupo de desordeiros invadiu a assembleia, quebrou as urnas e rasgou as listas.
Carregal. Os regeneradores tiveram maioria para a camara, mas perderam a eleição de procuradores á junta.
Valença. Venceram os progressistas por 360 votos.

A PRATA NOS ESTADOS-UNIDOS

E' do nosso colega do *Comercio Portuguez* o artigo que segue:

A exportação de metaes nos Estados-Unidos, informa o nosso consul em New York, foi em 1884 de 67.143,383 dolars (61.771:912$000 reis) sendo em oiro 41.081,957 dolars (37.795:400$ reis), e em prata 26.051:426 dolars (reis 23.067:311$000); e em 1885 de dolars 42.231.525 (38.853:003$000 reis), dos quaes 8.477,892 dolars (7.799:660$000 reis) foram em oiro, e 33.753,633 dolars (31.053:342$000 reis) em prata.

A importação foi em 1884 de dolars 37.426,262 (34.432:161$000 reis), sendo em oiro 22.831,317 dolars (reis 21.004:811$000), e em pr.ª 14.594.945 dolars (13.427:349$000 rs.); e em 1885 de 43.242,328 dolars (39.782:491$000 reis), sendo em oiro 26.691,696 dolars (24.556:360$000 reis), e em prata 16.550,627 dolars (15.226:576$000 reis)

Foi n'esses dois anos de 28.706,318 dolars o excesso da exportação sobre a importação dos metaes preciosos, isto é, 18 por cento apenas da produção anual que tem ultimamente sido pouco mais ou menos de 80.000,000 de dolars (reis 73.600:000$000). Foi em 1884 de 79.600,000 dolars (73.232:000$000 reis), dos quaes 30.800,000 dolars (28.336:000$000 reis) em oiro, e dolars 48.800,000 (44.896:000$000 reis) em prata.

A grande e crescente produção d'este ultimo metal que a circulação não póde absorver (é hoje nos Estados-Unidos de 820.998,837 dolars, quando no ano de 1879 em que foi abolido o curso forçado das notas, era apenas de dolars 398,541,683 (366.658:340$000 reis) tem consideravelmente agravado a crise suscitada pela abolição do bimetalismo na Alemanha.

A lei votada em 1878 e conhecida pelo nome de *Bland bill* que obriga o tezouro federal a cunhar todos os mezes pelo menos 2.000,000 de dolars (reis 1.840:000$000) em prata, tem produzido o efeito contrario ao que era esperado pelos seus autores.

Não tem essa moeda podido entrar em circulação e vae-se acumulando nas arcas do tesouro, que não sabe o que ha de fazer d'ela, e pede em vão ao congresso a suspensão momentanea de uma lei que, em lugar de sustentar o valor da prata, precipitou a 26 por cento o desconto que tinha encontrado a 7 por cento, e é para o mercado financeiro uma constante ameaça. Se ela continuasse a funcionar por mais algum tempo, o governo havia de ver-se fatalmente obrigado a pagar n'essa moeda depreciada e fraudulenta (*dishonest money* como lá dizem) os juros da sua divida, o que seria um descredito e uma calamidade para o paiz, e daria lugar a uma crise cujas consequencias é difícil de prever.

Tem até hoje parecido tão remota essa eventualidade, que o publico não tem usado do direito que lhe pertence de fazer á alfandega os seus pagamentos em prata; mas logo que o perigo se tornar eminente, tratarão todos de usar d'essa faculdade, e ainda mais apressarão a crise. Tão fortes são, porém, os prejuizos e tão arreigada está no animo das povoações dos Estados de oeste, a ideia de que sendo devedores aos de leste, a perda que estes hão de sofrer com o pagamento em moeda depreciada, representa pelo contrario, para elas, um beneficio e uma verdadeira redução de divida, que o governo não tem conseguido e tem de aumentar todos os mezes o pezo da espada de Damocles que traz suspensa sobre o mundo financeiro ou antes sobre o paiz inteiro.

Ha bem poucos dias ainda foi apresentado no congresso um projéto de lei impondo ao governo a obrigação de empregar todos os mezes no reembolso da divida de todos os fundos do tesouro que excedam 100.000,000 de dolars (92.000:000$000 reis). Se fosse aprovado, teria o governo de começar desde já a fazer pagamentos em prata e a inaugurar a desastrosa politica financeira da repudiação, contra a qual combate victoriosamente ha tantos anos.

A duvida, porém, já se tem apoderado de muitos espiritos; e ha dias, n'uma reunião de partidarios do bimetalismo em Cincinati, o *Bland bil* foi declarado inutil e nocivo (*A complete failure*) e foi votada uma resolução pedindo ao congresso a sua suspensão, e ao governo o emprego de toda a energia para conseguir dos outros paizes a adoção do bimetalismo.

O congresso está, porém, em vesperas de se separar e a questão ficará adiada para o ano que vem.

E' curioso, entretanto, ver o paiz mais rico e mais prospero do mundo a braços com uma crise provinda do seu excesso mesmo de riqueza, ou pelo menos do que ha pouco mais de um seculo era geralmente considerado como seu unico representativo.

Correio do Sul

Lisboa, 18 de novembro de 1886.

(D'outro nosso correspondente)

Li ha pouco, n'um jornal do Porto, um artigo—*Que pobreza!*—em que se pedia ao sr. ministro da guerra, que mandasse distribuir aos conselhos administrativos dos corpos a colécção das ordens do exercito, como distribuidas são ás secretarias, e isto com o fim de se evitar, que o tesoureiro e secretario do conselho tenham de andar a mendigar a ordem do exercito, sempre que d'ela precisam. Tem razão o autor do artigo, quem quer que seja. Não tanto porque uma ordem não seja suficiente para um corpo, mas porque pode dar-se o caso de haver um comandante, que se lance de corpo e alma nos braços d'algum *mentor;* e que este, mesmo para promover desgostos ao comandante (mostrando-se, aliás, seu intimo amigo) lhe meta nos cascos, que não deixe ver a ordem a ninguem, determinando-se por isso ao ajudante, que a guarde e feche a sete chaves, ficando assim privados de a verem os oficiaes do corpo, e até o tesoureiro e o secretario do conselho, que devem vel-as todas e orientar-se das suas variadas disposições. Tem razão pois o autor do artigo.

Vem a pello uma historia que, ainda que pequenina, não deixa por isso de ter certo alcance. Eil-a: Em certo regimento da *Parvonia* era costume, praxe e lei, dar-se conhecimento ao tesoureiro e ao secretario do conselho administrativo, de todos os documentos que se recebiam processados. Um e outro tomavam nota, como de necessidade era para o bom arranjo da contabilidade, e os documentos guardava-os na gaveta ou no cofre o tesoureiro, até á ocasião de se ir receber a sua importancia. Fez-se isto sempre, no decurso de muitos anos, e nunca houve descaminho de nenhum d'eles; nunca se deu por tal motivo um desgosto, nem sombra d'ele; o comandante nunca teve um dissabor, nem tinha que receial-o: era honrado, tinha por isso boa fé e depositava toda a confiança nos seus subordinados; nunca d'isso teve que arrepender-se e nada tinha que receiar a tal respeito; tantas e tão frisantes eram as provas de lealdade que lhe haviam sido dadas durante muitos anos. Foi, porém, para aquele regimento *um sabio* e parece que na ideia de emaranhar, para o que tinha extraordinaria vocação, a miada, que até então corrido tinha a fio direito, germinar a sizania e alinar a discordia, para bem chegar aos *seus fins*, e meter mãos á obra. Passava por ser *doutor*, quando não era mais do que um charlatão, mas gaiato: meteu nos cascos ao comandante (que o julgava um sabio) que ele era o seu braço direito, o seu verdadeiro amigo, o seu unico amparo (o que ele pretendia era atirar com o comandante de pernas ao ar) e aconselhou-o a que guardasse ele na sua gaveta os documentos processados, sem mesmo fazer saber aos signatarios d'eles, que tivessem sido reenviados pela respétiva repartição do processo. O comandante, que até então tinha andado sempre na melhor boa fé (nem tinha motivo para receios), entrou, desde aquele momento, a dar indicios de desconfiança; e quando recebia quaesquer documentos, via-os ele e *o seu amigo mentor*, e guardava-os *como coisa sua*, quando, na verdade, o não eram, porque eram da responsabilidade dos signatarios. O comandante era um, e os responsaveis cinco. Mas... que fatalidade! Logo nos primeiros ensaios dos conselhos dados *pelo mentor*, descaminhou-se um documento processado na importancia de 7$400 r. e levou tal descaminho, que nunca mais appareceu, nem d'ele se souberam novas nem mandados. Assim como foi de 7$400 reis, poderia ter sido de 740$000 reis, e então a *coisa* deveria ser *mais falada*.

Que diabo de direção tomaria o tal papelinho? Nunca se soube; mas o que duvida não tinha, era que foi a consequencia das *bem calculadas inovações do sabio conselheiro mentor*. Esta historia data já de longe; mas, porque de longe venha, não deixa de ter o cunho de verdadeira; e não seria talvez muito difícil citarem-se ainda hoje os nomes dos *galãs e comparsas*, que na peça figuraram, embora estejam em diferentes posições e espalhados pelas diferentes provincias do reino da Parvonia, onde se deu.

O comandante convenceu-se logo depois que tinha feito asneira de calibre 48, em se deixar ir pelos conselhos do *seu novo amigo, conselheiro e mentor*, mas, quando quiz remedial-a, era tarde, e teve de sofrer-lhe as consequencias, que déram em resultado um rebate de 99 1/2 por cento no bom conceito em que antes era tido de bom comandante, porque, para ser um bom comandante, necessario mais alguma cousa do que se honrado, como ele na verdade era. Ao menos é necessario ter de memoria que um bom conselheiro precisa ter sciencia, prudencia e consciencia; e que, em [illegible] tando qualquer de taes complementos, o conselheiro é necessariamente *aleijado*... Tão bem lhe tinha corrido tudo até então, como d'ali em diante lhe correu mal, mas já sem remedio.

O céu anuviára-se, as nuvens engrossaram e a tempestade desencadeou-se, tendo brigado os elementos. No reino da Parvonia tambem de vez em quando ha trovoadas e tremores de terra, como por cá.

O leitor está lembrado das [illegible] ções, sustos e estragos que a gata da fabula causou á aguia e á porca, que habitavam na mesma arvore em que ela foi fazer o ninho? Pois aquele *mentor* podia dizer-se no regimento a gata da fabula: enredou tudo e a todos, transtornou o bom viver que até ao tempo d'ele ali ser colocado reinára sempre, a identificação do comandante com os seus subordinados e d'estes com o comandante, a quem ele soube dominar a ponto de que o comandante, se estava de conversa ou andava passeiando com eles, logo que o *mentor* aparecia metia-se de *gorra* com o comandante e, ou tratava de o desviar dos seus subordinados, ou o comandante principiava desde logo a fegir d'eles, como desconfiado e receioso. O *mentor* creou tal preponderancia sobre o comandante, que este estava sempre coacto na presença do *seu mentor*. Fugia-lhe a prosa e não dava palavra.

Parecia incrivel que um homem, que queria campar de certa independencia, se deixasse dominar a tal ponto; e então por quem!... No entanto era uma realidade. E' que alguns homens, quando chegam a certa idade, antes devêriam pegar nas contas e ir resar, do que conservarem-se em posições para que lhes falta já a energia. Na Parvonia passou-se isto e muito mais, que seria fastidioso descrever agora, e de tudo foi causa o *bom conselheiro, o sabio mentor*, o homem que a fama já antes tinha apregoado, em terra e mar, talvez, como unico no seu genero.

Deixemos, por agora, as coisas da Parvonia. *Borges.*

Coimbra, 18 de novembro de 1886.

E' grandemente escandaloso o procedimento indigno de alguns estudantes arruaceiros, que, sem qualidade de delicadeza alguma que os caracterise, [illegible] nuam praticando de um modo pouco favoravel á sua reputação de rapazes, que frequentam os bancos universitarios, as indecorosas praxes da palmatoria e côrte de cabelo, que *inocentemente* qualificam de *inofensivas*.

Folhetim

EDADE FELIZ

EXCERTOS DO CONTO «MATER»

.....teve medo de acordar o inocente que dormia, placido, de sorriso nos labios. E não o beijou.

* * *

.....

Ia-se tranquilisando. Que diferença entre aquele ar vivo que lhe açoutava o rosto palido, cavado, outr'ora belo, respirando saude e vigor, e a atmosfera pesada, viciada, do acanhado casebre! D'ahi... tanta gente!

Pouco a pouco a multidão foi diminuindo. Os grupos rareavam. Das lojas saiam homens conchegando-se as golas dos sobretudos, pigarrentos, puxando a aba do chapeu para a frente, e lá iam rua acima ou rua abaixo, vagarosos, batendo rijo com a bengala nas pedras; outros saltavam leves ao passeio, sem abafos, gestos largos, tranteando uma aria, ou assobiando musica em voga, e seguiam rapidos, dando muito aos braços, chapeu inclinado sobre uma das orelhas. Todos a encaravam ao perpassar. Uns, receiosos do frio e do nevoeiro que surgia, para a verem acompanhavam com o tronco o movimento da cabeça, cautelosos não afrouxasse a pressão do *cache-nez* ou se entreabrisse a gola. E sentia vontade de rir, a desgraçada; achava-os comicos, ridiculos, aqueles vultos escuros, silenciosos, que se voltavam bruscos para ela, dobrando-se um pouco para traz.

Outras vezes irritava-se: sentia la dentro uma revolta, uma raiva, surda, que não podia expandir—mixto de indignação e vergonha—Esturdios, com grande liberdade de movimentos, chegavam o rosto muito perto do d'ela, sem rebuço, insistentes. Alguns dirigiam-lhe a meia voz gracejos petulantes, cynicos, que a faziam córar e baixar os olhos. Ela recuava ofendida; e eles continuavam a andar, voltando-se a miude, mirando a ainda. Que vexame!

O nevoeiro aumentava de intensidade. As lojas começavam a fechar. Era um barulho continuo de taipaes que se ajustavam e ferros que se entrechocavam. Depois... foi-se esvaindo a animação, o ruido; tudo se calou. A rua escureceu, falta da luz que irrompia dos mostradores e da porta dos estabelecimentos; pairava um silencio triste que a assustava de novo. E tão escuro!... Apenas lá ao longe os lampiões da porta do teatro davam uma luz amareladamente baça que atrahia: no espaço frouxamente iluminado, divisava-se o vulto severo do policia, passeiando, de mãos nas algibeiras do capote. Ouvia-se distinto o ruido cadenciado, monotono, das passadas. Teve medo d'ele. O que responderia se lhe perguntasse o que fazia ali? Quiz abandonar aquele logar: sentia frio, uns arrepios que lhe faziam sobresaltos; ao mesmo tempo vinham-lhe leves vertigens e algumas nauseas. Ha quatorze horas sem alimento!... Fez um esforço para se afastar; andando talvez se sentisse melhor, mas... para onde ir? Assenhoreava-se d'ela a indecisão, o aniquilamento.

Subito estremeceu, pulsando-lhe com força o coração; chegara-lhe aos ouvidos voz de creança, que chorava. Do teatro saia um homem, e uma mulher que trazia ao colo um pequenino, debatendo-se afflito, em soluços. Passaram perto d'ela o homem gesticulava zangado—protestando que jámais o traria ao treatro, servir-lhe-hia o escandalo de lição; e invetivava a mãe, que se deixara ficar gosando emquanto ele vinha pôr o menino em casa...—e, mais incitado pelos gritos da creança, tregeitava ameaçador—não te calas? A birra tiro-t'a eu em casa, deixa estar...

Lembrou-lhe o filho que deixara no estreito aposento, só, fechado á chave; o filho por quem ela sacrificara o ultimo pedaço de pão, migando-o endurecido no caldo requentado. E não pedira ainda!... Para que saira, então? Para se divertir? Para compartilhar do bulicio das ruas, admirar o trajo das damas e as bugiarias das *vitrines?*... Que cobardia!... Medo... medo de esmolar, quando para o dia seguinte já não tinha que dar de alimento ao filho! E ele havia de ter fome, certamente, coitadinho. Ela não; ela passava bem se comer; era *mulher* e *forte*. A que desgraça chegara!... E, abatida, deixava-se resvalar para a soleira da porta, sufocada, dando livre curso ás lagrimas que brotavam precipitadas, ardentes; querendo reagir e não podendo; tentando erguer-se, andar, pedir... e abandonando-se prostrada á astenia da forte crise.

Esteve assim por muito tempo opressa, arquejante, anciada; depois as lagrimas começaram a ser menos numerosas e foi-se quedando para ali, estarrecida, olhos muito abertos, sem pestenejar, olhando sem ver, braços distendidos, mãos crusadas abaixo dos joelhos.

Por momentos houve tregoas no soffrer; um sonho bom, um d'aqueles castelos que na fantazia tantas vezes arquitetam as mães, veio caricial-lhe a imaginação e luminental-lhe um pouco a angustia. Via o filho muito bem vestido, amimado, nos braços de uma senhora formosa—muito formosa até, que o encarava enlevada, sorrindo—e não extranhava, o pequenito, sorria tambem. E estava tão bem vestida, aquela senhora! De seda, vestido roçagante, que ondulava e rugia a cada movimento, decote orlado de rendas finas—tão finas e tão brancas!—e eram tantos os laços, tão bonitas as côres!... tantos os brilhantes no colo e nos cabellos!—O filho ainda podia vir a ser feliz; porque não? Pois a desgraça não havia de cair um dia?—E deixava-se em [illegible] sabor d'aquela ideia, calculando [illegible] provavel do filho, a chegada [illegible] dores dias em que houvesse pão e riso, em vez de frio e fome. Mas d'aqui [illegible] então!...

.....

Voltara de novo o ruido; acabara o teatro. Pelas portas gorfava uma multidão compata, ruidosa, que se alastrava na rua ramificando-se depois em diferentes direções. Cruzavam no ar os gritos dos oficiosos que chamavam por alcunhas picarescas os cocheiros dos trens de praça. A rua estremecia sob o galopar [illegible] cavalos e o rodar dos vehiculos, que paravam um momento a receber os donos ou alugadores e lá seguiam, depois [illegible] estrugir da portinhola fechada com [illegible]. Do logar onde estava, via a Ma[illegible] damas sairem apoiadas nos braç[illegible] cavalheiros, fazerem as despedidas [illegible] tando a mão aos homens, bei[illegible] senhoras, curvarem-se a regaçar [illegible], para facilmente alcarem o pé [illegible]inho. Os que retiravam a pé desfilavam por deante d'ela, em grupos. As senhoras muito embuçadas nas suas capas brancas, regaçando-se, conversando muito intimas, com risadas joviaes, relembrando os ditos felizes, da peça: os homens seguiam-nas de mãos nas algibeiras, charuto na boca, dialogando gravemente, cortando as frases para aspirar a fumaça. D'entre tanta gente não haveria uma pessoa que a socorresse?!... A Maria ergueu-se, e, d'olhos humidos, foi assistindo ao desfilar da turba sem se atrever a implorar a caridade. Decidia-se, mas a vergonha atraiçoava-a. Era a *primeira* vez.

.....

E acabou-se! Já ninguem passa. Retiraram os bombeiros e a policia; as portas fecham-se com estrepido, apagam-se os os lampiões. Foi se a ulti na esperança. Que fazer agora? Voltar para casa?... sem um real! Então de nada servia aquele expediente supremo?!... Era certo que o filho tinha de morrer? questão de tempo; não havia sido n'aquele dia, seria no seguinte. Exhaurira-se o ultimo recurso... não, parece que ainda ha um... mas bem terrivel deve ser porque a mãe hesita em pol-o em pratica. Certamente; porque ela descóra, encosta-se á parede e comprime os seios, alçando os olhos ao ceu como quem busca inspiração!... Ocorreram-lhe uns traficos infames que se fazem nas ruas... traficos que por alto ouvira citar com grandes censuras á Margarida, a velha vesga que tanto odeia, que traz sempre um indispensavel cheio de ervas e plantas aromaticas que fazem dores de cabeça, que é tão procurada—e por tão boa gente, até por senhoras de um trem—e teima sempre em andar pouco limpa, com um capote antiquado, ridiculo, no fio, e um lenço sujo, desbotado. Impossivel! Repele essa ideia mulher; vê, medita um pouco, olha que d'esse abysmo não poderás sahir; não te avilte; —á miseria pódes tu ser arrancada—haja valor e proteja-te a fortuna—mas a deshonra infeliz, a deshonra é fojo profundo, d'onde uma vez precipitada não te podem retirar, e, se o fizerem, sahirás enlameada. Reflete. Bem sei que é a miseria que te impele, e a fome, mas a sociedade nada tem com isso. Que lhe importam as causas da tua prostituição?... Eras mãe? Vias a morte estender as garras para empolgar-te o filho, a vida da presa, e trocaste a honra por um pedaço de pão para o inocente? Que tem ela com isso? E's uma perdida, nada mais. E não te ofendas com os seus sarcasmos, não chores do seu desprezo, porque ela tem direito a verte alegre, expansiva, riso nos labios, terna... —paga-te!

A miseria foi seguindo quasi sem consciencia do que fazia. Voltou á vila proxima. A meio projetava-se um clarão, saido de mostrador onde um bico de gaz iluminava um amalgama de carnes diferentes e frutas variadas. Estava perto d'uma casa de pasto. De dentro vinha um cheiro forte a comidas que excitava o apetite; ouviam-se risadas, gritos nasaes dos moços pedindo ao cozinheiro os acepipes escolhidos na lista, pancadas repetidas de talheres sobre pratos, e de quando em quando sonido de moedas em cima do marmore das mesas ou do balcão.

— Se lhe dessem alguma cousa para o filho!... Com certeza; em ela contando a sua historia, em eles sabendo do transes porque tem passado, o socorro seria imediato... mas tinha medo e incomodar!

Estêve por muito tempo indecisa, passeiando defronte da porta, mirando atenta, não a visse alguem. Decidiu-se por fim, tremula, com um suor frio a alojrar-lhe a fronte; impeliu a porta; o som da campainha, que annudava os visitantes, feil-a perturbar ainda mais. Seguio receiosa, palpitante, pelo corredor, e parou entre humbraes, aterrada da propria deliberação, acanhada sob os olhos que a fitavam, deslumbrada pelas luzes, afrontada com o calor... Resolvia-se a dar um passo, quando a paralysou uma praga formidavel acompanhada de punhada sobre uma mesa, que fez saltar pratos e causou geral estupefação.—Era o Miguel, o infame, que se ha queixara em má companhia e a reconhecera.

A desgraçada quedou-se por momentos como fulminada; mas de repente, aterrada, perdida a côr, trasida de espanto e medo, enfiou pelo corredor em grande correria. Saiu á rua onde continuou a fuga. Julgava-se perseguida; sentia os passos d'ele, a respiração efegante, estava prestes a cair-lhe nas mãos... e matava-a com certeza; havia-o prometido. Sem saber como, achou-se no quinto andar; fechou-se por dentro, e, como se lhe lhe podesse acudir, começou a gritar pelo filho. Não obteve resposta... Cus! Estaria ele morto?!... [illegible]?!... Titubeante, acendeu a vela de cebo, e ahi de joelhos, alucinada, junto á miseravel enxerga que servia de leito aos dois.

E a creança dormia, placida, de sorriso nos labios, sonhando com milhares de cousas bonitas que vira nos Olivaes do Ferreira.

Feliz edade!...

ARTUR [illegible].

Isto vem a proposito de umas scenas nada edificantes, que nos ultimos dias da semana passada e já n'esta tiveram lugar n'um café da estrada da Beira, chamado Floresta do Mondego, e tambem em algumas ruas da baixa.

Aqui vão os casos como nol os referiram: no momento em que o dito café estava sendo frequentado por uns estudantes, de preparatorios, foi de repente invadida a casa por uma *troupe* de academicos, que pozeram em prática a tal praxe *inofensiva* do córte do cabelo e da palmatoria. O requinte da selvageria!

Na rua Direita tambem alguns *valentões*, formando uma *troupe*, perseguiram uns pobres caloiros, que se viram obrigados a entrar dentro d'uma loja. Mas nem aqui escaparam. Os furiosos *valentões* entraram tambem! Entretanto, caso extranho! virou-se o feitiço contra o feiticeiro, e os taes arruaceiros foram tambem *inofensivamente*, já se entende, mimoseados com alguns socos e pauladas; — isto por uma praxe tambem *inofensiva* e antiquissima de cidadãos, que socegados em suas casas não desejam ser incomodados por sujeitos sem educação. Vergonhoso!

Reconhecemos muito bem que rapazes no viço da mocidade não hão de ser para ahi uns sorumbaticos quaesquer; não sejamos nós que lhes levemos a mal os seus folguedos, os seus divertimentos, proprios da sua edade: mas será isto motivo para que eles abusem, praticando certos actos baixos, que muitas vezes mais ou menos vão recair sobre uma classe inteira, que tem todas as razões para ser respeitada? não, de certo. Os srs. academicos devem mostrar que são rapazes civilisados, rapazes bem educados e nada mais.

Estas considerações, que acabamos de fazer simplesmente, unicamente se referem a uns certos estroinas, que em vez de se entregarem ao estudo, gastam o precioso tempo da sua estada em Coimbra, cometendo os mais desaforados actos nas mais vergonhosas orgias.

— Realisou-se no domingo uma grande festa na Santa Casa da Misericordia, para comemorar o centenario de um dos seus bemfeitores, o dr. Caetano de Seixas. O colegio esteve de tarde patente ao publico. Os visitantes sairam satisfeitissimos da boa ordem e aceio em que todas as cousas foram encontradas.

Nos claustros esteve tocando a banda do regimento 23, que executou artisticamente algumas peças escolhidas do seu importante e variadissimo reportorio.

Cabem portanto merecidos louvores á meza da Santa Casa da Misericordia, que não se furtou a trabalhos para que a festa fosse em tudo digna do facto que celebravam.

— Correram ordeiramente n'esta cidade e nas outras freguezias do concelho as eleições para a camara municipal e junta geral. Venceram os progressistas, alcançando os republicanos na camara a minoria.

— Esteve n'esta cidade o sr. dr. Antonino Martins dos Santos Correia, dignissimo juiz de direito da comarca de Pedrogão Grande. O sr. dr. Antonino é um cavalheiro respeitavel, muito estimado de todas as pessoas que têm a honra de o conhecer, pelos excelentes dotes de coração e distintas qualidades que altamente o nobilitam s. ex.ª, tornando-o um magistrado réto e justo.

David.

Sciencias

HISTORIA DA ZOOLOGIA

Exploradores zoologicos portuguezes

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

Foi principalmente a impulsos de Linneu que começaram as viagens de exploração zoologica, feitas por naturalistas de profissão, com o fim principal de estudar a natureza viva nos paizes visitados e não como simples acessorio das grandes viagens. Linneu enviou muitos dos seus discipulos com a missão especial de fazerem investigações de historia natural nos diferentes paizes, entre os quaes citaremos Kalm, Lœfling e Hasselquist.

As atenções então dirigiam-se ainda de preferencia para a Asia: Hasselquist tinha sido expressamente convidado a explorar a Palestina.

A America do Sul não tardou, porém, a ser tambem o objéto de todas as atenções.

Sonnini explorou Cayena e os resultados das suas coleções, principalmente ornitologicas, feitas n'aquele paiz, comunicou-os a Buffon, que os introduziu na sua *Historia natural*. Gumila escreveu uma obra sobre a região do rio Orinoco, mas ela contém apenas vistas geraes; Gumila não presta grande atenção ás diferenças que separam as diversas especies. Outro é o livro em que Filipe Fermin relata as suas viagens na Guyana holandeza, o qual apresenta uma colheita de factos zoologicos bem mais rica. Já n'uma epoca precedente Pedro Barrère explorára, muito mais sériamente sob o ponto de vista zoologico, a Guyana franceza ou a «França equinoxial», como ele lhe chama no titulo da sua obra. Por volta tambem de 1770, quando Fermin explorava a «Holanda equinoxial», Giovani Ignacio Molina explorava o Chili e dava descrições detalhadas dos animaes que ali havia observado, acompanhando-as d'uma diagnose latina muito concisa.

Cada nação enviava o seu explorador á distante colonia americana.

Mas as explorações continuavam pelo Oriente, e eram ali muito mais importantes para a zoologia. N'estas avultam as que foram emprehendidas sob os auspicios do governo russo para estudar a historia natural da Asia central e da Siberia, e aonde figuram os nomes de Palas e de Gmelin. A Africa era já bastante explorada. Entre os exploradores da Asia, n'esta epocha, contam-se Forskal e Niebuhr, Roussel, Latam e Davis; na Africa figuram Sparrman, Bruce, Levailant e Thunberg.

Que fazia Portugal? Carregado do ouro remunerador do seu grande movimento politico e geografico, que fazia ele para acompanhar este grande movimento da zoologia? Como viam os nossos reis e governos as «*curiosidades naturaes*» que os vice-reis e governadores lhes enviavam para seu recreio, e com que se formava o «gabinete real da Ajuda»? N'esse grande movimento que ia pelo Oriente, que fazia Portugal de serio e importante pela India? na America do Sul, quando a Hespanha explorava zoologicamente a região do Orinoco, e a França e a Holanda as suas Guyanas, que fazia ele de semelhante, pelo seu rico Brazil? A Historia da Zoologia não nos diz que Portugal tomasse qualquer atitude a este respeito e não se encontra n'ela a menção de uma unica viagem portugueza de exploração.

Menciona-se Guilherme Piso, holandez, e Jorge Marcgrav, saxão, que publicaram em comum uma *Historia Naturalis Brasiliæ*, em 1648, e Spix e von Martins, ambos da Baviera e que muito mais de seculo e meio mais tarde, deram um conhecimento assaz completo da fauna do Brazil.

Ora entre a época de Piso e Marcgrav e a de Spix e Martius, é certo que Portugal, ou ao menos um ilustre portuguez, prestou á fauna do Brazil a mais seria atenção que podia, no seu meio e no seu tempo, e que os seus trabalhos, se tivessem sido publicados logo, e convenientemente figurariam hoje ao lado dos de Azara e mesmo, em parte, ao lado dos de Spix.

No mesmo tempo (diferença de 2 ou 3 anos) em que a Hespanha enviava Azara a desempenhar a importantissima comissão da delimitação das fronteiras do Paraguay e em que Portugal estava a braços com essa melindrosa questão politica com os seus visinhos do velho e do novo mundo, o governo portuguez enviou ao estado do Grão-Pará uma comissão scientifica, uma «Expedição filosofica» para a qual foi escolhido um brazileiro (então, um verdadeiro portuguez) de brilhantes estudos systematicos, o dr. Alexandre Rodrigues Ferreira.

Se bem que encarregado de uma exploração geral e, por uma grande parte, politica e social, o dr. Rodrigues Ferreira, levava oficialmente o titulo de «Doutor Naturalista», facto tanto mais curioso, quanto é certo que em Portugal a preocupação politica tem sido sempre a grande incompatibilidade de todo o desenvolvimento scientifico. Esta exceção á regra foi infelizmente um verdadeiro aborto, e não tardou muito que o nosso movimento scientifico retomasse o seu caráter particular.

Emquanto que os trabalhos zoologicos de Azara ficaram, e hoje ainda as suas traduções se cotam por bom preço nos catalogos das mais importantes livrarias, os de Alexandre Rodrigues Ferreira não passaram do manuscrito e acham-se dispersos, e o seu nome devendo figurar na historia geral da zoologia, ficou para ela completamente apagado.

Ha mesmo muito poucos portuguezes que tenham ouvido falar de Alexandre Rodrigues Ferreira.

*

O dr. Alexandre Rodrigues Ferreira nasceu na Bahia a 27 de abril de 1756.

Era homem de raros dotes intelétuaes, como o prova, não tanto a escolha que o governo d'ele fez para a exploração do Pará, pois que isso nem sempre tem significação, mas os seus brilhantes estudos e os resultados da comissão de que se encarregou, infelizmente todo inedito e já hoje sem prioridade.

O dr. Alexandre Rodrigues Ferreira partiu de Lisboa em 1783 (1 de setembro), acompanhado por dois habilissimos desenhadores e um jardineiro botanico. Os desenhadores de cujo talento admiravel logo falaremos detalhadamente, chamavam-se José Joaquim Freire e Joaquim José Codina.

Mal que chegou ao estado do Grão Pará; o dr. Ferreira começou as suas explorações na Ilha Grande de Joanes ou Marajó. Explorou depois o sertão do Pará e Rio Negro, o rio Branco, o Madeira, o Guaporé, a serra do Cuannurú, Mato Grosso e Cuyabá.

Foi um explorador infatigavel, percorrendo aqueles diversos pontos durante dez anos consecutivos, e foi enorme o numero de produtos naturaes com que enriqueceu o gabinete da Ajuda. Só da exploração propriamente do Pará que durou metade do tempo, (cinco anos) o dr. Ferreira remeteu, por sete ou oito vezes, 203 volumes («Caixões, Frasqueiras e Barris»), contendo artefátos dos naturaes, aves empalhadas e tartarugas, peixes em aguardente, etc., tudo acompanhado de 629 desenhos («Riscos de Animaes e Plantas»).

Saint Méry, o tradutor da historia natural dos quadrupedes do Paraguay de D. Felix de Azara, atribue muito os surprehendentes resultados a que chegou o naturalista hespanhol á «especie de independencia» que lhe dava a sua qualidade de celibatario, ao ter de partilhar sómente os seus cuidados com o desempenho das suas funções militares e a contemplação da natureza.

Não aconteceu o mesmo a Alexandre Ferreira, que não só era casado, ou, então, já viuvo, durante a expedição, e que não só teve a falta de independencia do celibatario, ou a solidão da viuvez, mas que teve de regular os negocios da casa pertencente á familia de sua mulher, que o falecimento de seu sogro, contratador dos Reaes Pesqueiros na Capitania do Pará, deixára muito embrulhadas, com um alcance de onze mil e tantos cruzados á Fazenda Real, e com outra divida ainda maior á extinta Companhia Geral do Comercio d'aquele Estado.

Preocupado com estes desgostos de familia, foi-o ainda com o estado precario da sua propria bolsa, pois que, em memorial escripto, sete anos depois do seu regresso, e existente com outros dos seus manuscriptos na bibliotheca do Rio de Janeiro, pedia ao principe regente D. João o oficio de secretario da alfandega de Pernambuco, que estava a vagar, pedido que fazia «por ter esgotado o patrimonio que herdára de seus paes para suprir o *deficit* da sua ordinaria despeza em 10 anos que visitou os sertões do Brazil», e «para o servir (ao principe) n'áquelas partes, já que não podia n'estas».

Com efeito, Alexandre Ferreira, tendo durante a sua expedição lutado muito e gasto todo o seu patrimonio, bem ao contrario do outro naturalista da Peninsula, seu contemporaneo, que, além de solteiro, como diz Saint Méry, assumia na fronteira do Paraguay as funções mais rendosas e tinha, embaixador nas primeiras côrtes da Europa, o irmão, que lhe promovia a tradução e impressão dos seus manuscriptos em Pariz; Alexandre Ferreira, diziamos nós, regressava a Portugal, cuidando pôr em ordem, no repouso do gabinete, todos os valiosissimos materiaes, que tão penosa e preocupadamente havia recolhido, e dar-lhes publicidade, quando a maior ingratidão o esperava e invejosas aspirações conseguiram fazer com que o governo nunca lhe concedesse os meios necessarios para a publicação dos seus trabalhos, e com que o dr. Ferreira se consumisse, emfim, de desgosto. Diz-se mesmo que alguem, para mais o afligir, lhe punha em desordem os exemplares que classificava e ordenava no gabinete da Ajuda.

O dr. Ferreira chegára comtudo a ser nomeado em recompensa dos seus trabalhos, administrador ou diretor do Real Gabinete de Historia Natural da Ajuda e Jardim Botanico, mas não o deixaram viver tranquilo n'este modesto emprego em que teria só a satisfação do espirito.

Os exemplares recolhidos pelo dr. Ferreira existem ainda, parte d'eles, em boa conservação, na seção zoologica da escola politecnica de Lisboa. Entre eles ha o celebre peixe descrito e figurando por Valenciennes, sob o nome de *Rinelepis hutrix*, segundo uma descrição, e um desenho comunicados por Vandeli. E' um peixe rarissimo. Capelo, n'um estudo que d'ele fez, publicado no *Jornal das Sciencias*, diz que ele é representado no mundo scientifico por um só exemplar existente no Museu de Lisboa, o qual é o que trouxe Alexandre Rodrigues Ferreira e que foi um presente do capitão-general da capitania do Pará, João Pereira Caldas.

São numerosissimos os manuscritos do dr. Ferreira. Recolhidos todos no muzeu da Ajuda, logo depois da morte do autor, por Brotero, que passou recibo á sogra d'ele, no fim de uma detalhada relação, esses manuscriptos foram remetidos á Academia das Sciencias para dar parecer sobre a sua publicação, e não podendo levar-se a efeito essa publicação, apesar do parecer ser favoravel, o governo portuguez mandou-os entregar por fim por uma portaria ao governo brazileiro, com a condição d'este os publicar. Chegados, porém, ao Brazil os manuscriptos dispersaram-se.

No muzeu de Lisboa existe uma parte d'eles (uns originaes, outros duplicados) e dois magnificos atlas dos desenhos executados por Freire e Codina.

D'esses dois atlas o que ilustra a parte zoologica da viagem á admiravel. Contém grande numero de figuras de indigenas, de mamiferos, de aves, de reptis, de peixes e de insétos, sendo as das tartarugas e dos peixes verdadeiramente surprehendentes, pela fidelidade scientifica da execução e por terem ao mesmo tempo o detalhe e o *ensemble*, não sendo este de modo nenhum prejudicado por aquele.

Estes atlas foram salvos miraculosamente do balcão do merceeiro pelo ilustre diretor do muzeu de Lisboa, dr. Barbosa du Bocage, que os comprou a uma mulher de idade, em casa da qual, junto do palacio da Ajuda, paravam misteriosamente!

Um dos mais admiraveis d'aqueles desenhos e o da tartaruga *matamata*, especie já descoberta pelos precurseres do dr. Ferreira na America do Sul, Barrère e Fermin, e que Spix depois tornou a encontrar no Pará. E' uma tartaruga de fórma tão particular que mereceu que para ela (unica especie até hoje encontrada) se estabelecesse um genero novo. O dr. Ferreira descreveu-a com o nome de *Testudo torticollis*.

Acabamos de fazer sobre essa descrição do dr. Ferraira um minucioso estudo que basta para mostrar o valor do ilustre zoologo portuguez: comparámos essa descrição feita em latim, com a que vinte anos depois fez o explorador da mesma região, e chegámos a esta conclusão, que não ha uma frase da diagnose de Spix que não encontre na de Ferreira a sua correspondente mais ou menos exáta. Ha bem poucos caráteres mencionados pelo patrocinado do Rei da Baviera, que o olvidado explorador portuguez não tivesse observado e descrito cuidadosamente.

Nos detalhes da sua descripção, Spix compara a boca da tartaruga em questão á do sapo; o ignorado explorador portuguez vira muito bem esta semelhança e descreveu: «*Ore amplo... et potius Ranæ quam Testudini simili*;» o numero das escamas e dos apendices membranosos da cabeça, a descrição concisa e inimitavel de uma tromba carateristica em que se prolonga o nariz da *mata-mata*, e da fórma e estriação das escamas, tudo concorda perfeitamente com o exemplar e com as descrições dos autores modernos, e, nos dois ultimos pontos a que nos referimos, julgamos mesmo superior a linguagem scientifica do dr. Ferreira.

Não cabe nas proporções nem na indole d'estas revistas entrar em mais detalhes sobre a historia da exploração e dos trabalhos do dr. Alexandre Rodrigues Ferreira.

Estando n'este momento ocupado com um minucioso estudo de alguns dos seus desenhos e trabalhos zoologicos, quizemos apenas dar a conhecer suficientemente aos nossos leitores esse portuguez tão ilustre quão ignorado, verdadeiro precursor dos Spix, dos Martins, dos Humboldt e Boopland, cujo nome podia ter ficado para sempre inscrito ao lado do de D. Felix de Azara e que se acha inteiramente apagado na Historia da Zoologia!

ARRUDA FURTADO.

Arabescos e Miniaturas

SUPERSTIÇÃO

(CATULE MENDÈS)

Nem sombra de rede! e a corda esticada a dez metros do chão! uma corda de linho puro, que atravez da poeira luminosa do gaz, parece não ter mais grossura do que a precisa para um passarinho se empoleirar n'ela.

Eis o terreno firme da deliciosa acrobata! Sobre esse fio, sorrindo ao perigo, desafiando as vertigens, a fascinante Corisandre, sem auxilio de maromba, executava as danças mais fantasticas, conhecidas e não conhecidas dos eruditos choreografos a *camargo* e a *bocane*, a *corda*, *ce*, a *montferine*, a *cycinis*, *as triolets*, a *saltarele* a *fofa*, a *branle* e a *carole*, a *angelique* e a *arlequine*, e tambem a *kalenda*, essa pirueta vertiginosa, que é capaz de fazer aluir a raiz dos cabelos! Com que admiravel prestesa mudava de *toilete* para um novo exercicio e sempre sobre a corda! Despia-se no tempo que nós gastamos em desfolhar uma rosa; largava os ouros falsos, os setins flamantes, e aparecia-nos depois n'uma despretenciosa simplicidade.

Laura, um tanto nutrida, branca, com sadio rubor nas faces, calção de malha justo, desenhando os contornos, os sumidos seios, estremecendo dentro do colete, essa bela mulher seduzia todos, ainda os mais indiferentes, ora cabriolando, dando pulos, ora fingindo-se cair e tornando-se a levantar.

Que deslumbrante vivacidade de movimentos ela não desenvolvia em toda a sorte de arrojados trabalhos aereos, que conservavam o publico de olhos extaticos, fitando-a sempre, ainda que por vezes receioso, a olhar para a sua garganta entumecida pela opressão e humida um pouco de um suor que luzia. Trabalhando nas grandes cidades do mundo. New-York, S. Petersburgo, Londres e Paris, teve sempre seguro exito e extraordinario sucesso. Mas no meio da admiração unanime alguns corações assustavam-se. E' que ela era atrevida de mais e temia-se, em uma noite fatal, uma tremenda desgraça.

Ouviam-se algumas vezes na plateia gritos repentinos!

Parecia que já vinha pelo ar! Não, o que se desprendia lá do alto era um qualquer objeto, alguma saia, coberta de lantejoulas, que, voando aos trambulhões, vinha envolver n'um circulo de seda qualquer inofensivo espetador. E ela, a acrobata, soltava uma risadinha sarcastica, motejando do medo que haviam tido!

Debalde, os seus amantes, ou os frequentadores do seu camarim, lhe aconselhavam que moderasse as suas afoutezas, que trabalhasse com a rêde; mas, qual historia! não fazia caso e respondia:

— E' feio. As andorinhas, quando vôam, precisam porventura de rêde?

O seu luxo era pular, saltar, voar, se pudésse, sobranceira ás turbas embasbacadas e o perigo para ela era mais um entusiasmo.

Uma vez mylord Marlowe ponderou-lhe:

— Menina, sou muito supersticioso. Deus queira que me engane, mas hoje, como sabes, é sexta-feira e são treze! Muito mau dia! peço-te que sejas prudente.

Ora! ainda fez peior; nunca foi tão atrevida como n'essa noite, e tão audaciosamente se arriscou no exercicio final, que, perdendo o equilibrio, seria de certo vitima, se não tivesse a boa fortuna de cair em cima de um sugeito nedio, de boas carnes! Ia amachucando o desgraçado, mas não lhe deu tempo para se lastimar, porque, de um salto, poz-se de pé e logo o foi apaparicar! Fresca, como se nada lhe houvesse sucedido!

*

Na manhã seguinte, milord Marlowe fez-se anunciar em casa da bailarina. Milord era um d'esses inglezes corrétos, todo imperial, metódico na excentricidade, como ainda vemos alguns exemplares nos *vaudeviles*. Tinha mesmo essa acentuação britanica, que se exagera no palco, com a influencia da satyra sobre os costumes. Tambem lhe não faltava o seu quê de pretencioso.

Corisandre não deu tempo ao amante abrir a boca; adivinhava o que lhe ia dizer. Cortou-lhe logo a palavra, descrevendo ao mesmo tempo em volta do seu pescoço um circulo apetitoso, com os bonitos braços nús.

— Ah! milord, já sei que vem ralhar comigo, chamar-me doida, que fui eu a culpada, porque me avisaste que era uma sexta-feira e um dia treze! Conheço que devia ter sido mais prudente, mas não o fui, e já não tem remedio! Escusas recomendar-me que tome juizo d'ora ávante. Queres saber? Estou absolutamente resolvida a não dar ouvidos aos teus conselhos. Oh! meu rico milord, sei que és muito meu amigo, que renuncias-te ao teu paiz, á tua familia, ao teu club, para me seguires, quando te não faltam olhos belos, que te devorem, sei que és prodigo comigo, comprando-me joias caras, adereços ricos, quando só te peço um anel, uma lembrança. Sou tambem muito tua amiga, mas não me peças que abandone os circos, os hipodromos, ou que trabalhe por cima de uma rêde. Tudo te farei, menos isso. Posso morrer? Deixal-o. Tambem posso encontrar sempre um gorducho que me apare quando cáia! E o de hontem á noite, era bem fofinho! Coitado! para o animar, abracei-o, mas não tiveste ciumes, não? Era peior se morresse; já não tinhas a tua amiguinha.

Marlowe replicou moderadamente:

— Sei como és teimosa, Corisandre. Os fogos que te fizesse, para a menor precaução contra um perigo certo, seriam inuteis! Deixemos isso! Ha-de ser o que Deus quizer. Se vim de [illegible] foi para conversar comtigo ácerca de [illegible] negocio importante.

Depois de uma pausa, [illegible]uou:

— Possuo em Lancashire [illegible]stelo senhorial, que herdei de meus [illegible], muito notavel pela sua architetura [illegible]rcado de florestas, prados e campinas. Garantem-me que esta propriedade vale pelo menos um milhão de francos.

— Sim, senhor, uma boa propriedade e uma bonita soma!

— Não me interrompas. Os meus predios em Londres são de valor quasi egual ao do castelo. Só lá é que os tenho.

— E' porque não queres ter outros.

— Agora em dinheiro de contado, papeis de credito, inscrições, tenho quinhão maior. Não posso dizer a cifra exata da minha fortuna, mas calculo não ser inferior á soma, aliás mediocre, de oito a dez milhões.

— Todo o mundo sabe, milord, que tu és tão rico como esses Crésos que os romancistas inventam. Mas porque razão me falas dos teus valores, dos teus predios e do teu castelo?

— E' porque julgo conveniente enumerar diante de ti as coisas que para o futuro hão de ser tuas.

— Minhas?

— Já disse. N'esse documento lerás a tua garantia, não o percas. E' uma escritura doação que te faço de todos os meus bens.

Ela olhou de soslaio para o papel, julgando ser vitima de alguma mystificação. Não era. Mylord tinha ar grave, e estava mais serio que do costume.

— Mas, dizia-lhe ela, atonita, como quem não acreditava no que via; o que pódes tu querer de mim, para me dares tudo isso? Não sei que possas esperar mais... porque ha muito...

— Enganas-te, Corisandre, espero alguma coisa.

— O que é?

— Espero que tenhas a condescendencia de me emprestares, por algumas horas, a corda em que trabalhas á noite, no circo.

Ela soltou uma risada.

— Só isso? Empresto-t'a, sim!

Depois, dando-lhe um beijo em cada uma das faces:

— Sempre és muito excentrico! obrigada, milord, muito obrigada! Oh! como eu gosto de um castelo, que tenha lagos, e nos lagos cysnes brancos!

— Sim, Corisandre, ha la cysnes, e tu has-de ouvil-os cantar no dia em que morrerem!

*

Um pouco antes da noite, regressando a casa, um criado de Marlowe precisou de ir ter com seu amo. Bateu, cauteloso, á porta do quarto, por varias vezes. Ninguem respondeu. Empurrou a porta de vagar, e ela girou nos gonzos.

Como se fôra assombrado por uma faisca eletrica, o rapaz recúa, todo tremulo. Que havia ele de ver? O patrão enforcado, livido-morto! Tinha enrolado ao pescoço a fatal corda, que estava presa no teto e trazia de rastos no chão as pontas.

Ao alarido que o rapaz depois fez, já livre da comoção, correram os demais criados, e dentro em pouco a casa estava cheia de curiosos.

Sobre a escrevaninha, ao lado do suicida, estava um papel desdobrado, onde se liam estas palavras:

«Peço a qualquer pessoa dos que entrarem n'este quarto a fineza de mandar imediatamente a mademoisele Corisandre, ao circo d'Hiver, a corda em que estou suspenso, e que ela me fez favor de emprestar. Faz-lhe falta para os exercicios d'esta noite. Peço que respeitem a minha vontade, porque penso que uma corda de enforcado lhe ha de levar felicidade.

(*Trad.*)

VIANA JUNIOR.

UM JURAMENTO DE CREANÇA

O Carlitos era um pequerrucho rosado, a rever saude nas cores das suas faces sadias.

Adoravel como todas as creanças, o pequeno Carlos levava vantagem sobre muitas em ser excessivo em meiguice, e n'um certo proposito pouco equivalente á sua edade. Tinha este pequenito uma predileção pronunciada por tudo que relativamente se aproximasse do seu tamanho pequenino.

O pae, que lhe sabia do fraco, teve a lembrança feliz de o fazer proprietario d'um cordeirinho todo branco, que nascera na quinta. O pequeno era doido pelo animal, que cercava de cuidados de toda a ordem e ao qual chamava muito desvanecido — o seu *menino*.

O cordeiro escassamente tinha tempo de mamar, porque o dono, muito exclusivista, queria-o sempre junto de si, beijando-o com amor, e passando-lhe a mãosita pela lã, com um zelo e uma solicitude de adoraveis. Tinha mais este pequenito um canteiro do jardim semeado por si de varios legumes, que, apenas saidos da terra, começavam a mostrar a sua novidade prometedora.

Depois que nasceu o cordeirinho, descuidou-se um pouco do canteiro, que ainda assim continuava a prometer, ajudado por uma rega abundante com que o dono o aviventava todas as tardes, quando o sol pendia ja em rapido declive no horisonte.

— Eu tenho um cordeirinho muito bonito, e uma horta muito grande, dizia ele com uns ares de vaidade orgulhosa pela sua propriedade, expressa n'estas duas coisas que eram o seu tudo, ás visitas que iam á quinta.

As visitas, é claro, riam do pequeno, e perdiam-n'o em gabos exagerados ao seu cordeiro e á sua horta.

Ele, empanturrado de vaidade, ia logo repetir á mãe tudo que lhe diziam, e continuava a beijar e a tratar do cordeiro e da horta, para não de merecer do conceito adquirido, que a final de contas não era favor nenhum.

E os dias corriam ledos para a creança, sempre atarefada na sua laboriosa vida de proprietario.

Como são felizes as creanças!

Eu, se alguma coisa invejo no mundo, é o viver sem cuidados, inconsciente e alegre das creanças. Oh! edade, edade feliz!

Avesitas de bonança e luz, que nos encantam a vida, para quem o mundo é um sorriso de permanente alegria, eu amo-vos com o amor mais puro e mais santo da minha alma! Se alguma vez a fatalidade quizer arrastar-me ao cairel negro d'um abysmo, eu peço de proferencia a tudo o olhar inocente e tranquilo d'uma creança.

Se a cada homem, que vae ser criminoso, Deus deparasse a presença d'um d'estes entesinhos frageis e amoraveis, que nos iluminam a vida com a aurora sempre risonha de um futuro, que nós não alcançaremos, eu creio que se esse homem tivesse coração que amasse, e alma que sentisse, seria uma vitima resgatada á aniquiladora influencia da sua estrela funesta.

Lá me deixei arrastar n'um rapto de doce sentimentalismo, que não é das coisas mais em moda hoje em dia. Que a moda me perdoe esta involuntaria discrepancia ás suas ordenações soberanas, e que me absolva, se póde e quer; senão, eu ficarei sendo um excluido do paganismo inexoravel do seu sacerdocio austero.

*

Um dia, á noitinha, o Carlitos, depois de guardar o regador pequenino da rega quotidiana, sentou-se a descansar da fadigosa canceira, n'um dos bancos abertos na espessura do muro, que delimitava a quinta, deixando o cordeiro passeiar em liberdade.

Cruzou os braços sobre a nuca em guisa de travesseiro, encostou-se á parede, e d'ahi a nada dormia a somno solto. O animal, pilhando-se sem guarda, rompeu em cabriolas ageis por todo o jardim e depois, como se sentisse fraco, foi-se á horta do seu proprietario, e transportou-a ao estomago debilitado pelo exercicio.

Farto pela ceia lauta, ficou-se por ali um bocado quieto, e depois, veio vindo, veio vindo a passo manso para o seu possuidor dorminhoco, metendo-lhe o focinho nos canos das botas.

O pequeno, assim acordado, bocejou, estendou muito os bracitos, n'um espreguiçamento indolente. Como fosse já lusco-fusco, disse para o animal, que agitava a cauda n'um contentamento feliz:

— Vamo-nos embora, é quasi noite; são horas de te ires deitar — e levantou-se. Ao passar junto da horta, que fôra, caiu-lhe o coração aos pés; viu o chão molhado, e... mais nada.

— Foste tu, mau! — disse, aprumando-se muito n'um impeto de zanga infantil; — deixa estar! — Estendeu-lhe a mão aberta com a palma voltada para o terreno, n'uma ameaça terrivel, e voltou-lhe as costas, jurando ficar mal com ele para sempre.

Com as duas pontas do bibe encravadas nos dentes miudinhos, contemplava os estragos da sua rica horta.

— Ora isto! e estava tão bonita! — lastimava ele contrariado, voltando-se um pouco com um olhar enviezado ao cordeiro, que, parado, continuava a agitar a cauda sem perceber patavina do que lhe estavam a dizer.

Dirigiu-se vagaroso e acabrunhado para casa a contar á mãe aquela desgraça, e a pedir-lhe mais sementes para uma horta nova.

O animal foi seguindo-o até ao curral, aonde entrou aos pulos, a buscar o calor da mãe contra o frio da noite, que começava a cair.

Mas aquele grande crime não devia ficar impune, pelo menos o pequenito assim o pensou; volveu atraz, foi ao curral, e apanhando o cordeiro a mamar puxou-lhe sofrivelmente as orelhas:

— E' para tu não tornares, disse.

E saiu vingado.

Houve grande hilaridade em casa quando o proprietario rural em miniatura contou lagrimejante a redução dos seus bens engulidos pelo cordeiro guloso.

A mãe serenou-o com dois beijos muito demorados, muito amorosos, como só as mães o sabem dar, beijos que são particulas da sua alma, que elas espalham a flux sobre os filhos do seu amor, e prometeu-lhe outras sementes para a nova horta, que seria maior, graças á munificente concessão, que lhe fez de outro canteiro proximo.

Ficou o pequeno contentissimo com a promessa, ceiou, e foi-se deitar no leito pequenino de mogno. Não adormeceu logo como era costume. Revolvia-se na cama muito agitado, sem somno.

De repente, ergueu-se, acendeu a luz, vestiu-se com uns modos preocupados de mal estar latente, e de luz na mão, eil-o que vae ter com o seu menino, que muito descançado dormia a digerir a grande pançada da ceia.

Pousou a luz no chão e acordou o animal com beijos e caricias de toda a ordem, exclamando em tom contristado:

— Perdoa-me, meu querido menino; tu não tiveste culpa, não... coitadinho, tinhas fome... se eu não adormecesse não me comias a horta.

E por ali ficou um bom bocado a falar n'este teor, implorando sempre o perdão do cordeiro, contra o formidavel puxão de orelhas com que o mimoseava havia pouco. E' provavel que lhe perdoasse, porque pouco depois voltou a deitar-se e adormeceu logo, já muito ás boas com o animalsinho da sua afeição e propriedade.

E' assim que as creanças cumprem os seus juramentos. Felizes, os que não sabem odiar!

FAUSTINO DE MORAES.

PEQUENAS IMPRESSÕES

(SCENA INTIMA)

Uma flor nos cabelos, minha mulher, que é uma amorosa e formosissima mulher, esperava-me na sala, debruçada na janela que deita sobre o parque.

Depois do almoço.

O sol ia já alto e tão quente, que os passaros, higienicamente, haviam-se acolhido ás ramarias: a floração côr d'ouro das mimosas perfumava o jardim, e a nossa sala que tinha os stores corridos, uma frescura consoladora, e uma meia luz indefinida.

O piano estava aberto...

Mas este papá-sogro é um massador em politica e prendeu-me á mesa do almoço com uma dissertação sobre o *deficit*. Quando ele ia ainda na sua decima parte, Margarida piscou-me o olho e levantou-se; e depois eu ouvia-a que passeava na sala á minha espera, e eu sorria sabendo-a impaciente a murmurar com os seus botões:

— Oh! este papá sempre é um massador em politica!

Felizmente a pouca luz da casa de jantar, o calix de *kirsch* bebido entre fumaças d'um charuto, e mais que tudo o ron-ron monotono da sua voz, fizeram-n'o ageitar-se melhor na sua cadeira fofa, toscanejar, adormecer.

De vagar, de vagar, que não acorde, tiro-lhe o charuto de entre os dedos, e pé ante pé, saio, fecho a porta e entro na nossa sala, onde minha mulher, uma flor nos cabelos, me esperava debruçada na janela que deita sobre o parque.

— Ah! és tu? diz-me ela, vindo beijar-me. E' muito massador este papá, não é?

Sorrio-

— Não, não é.

E beijo-a.

Então na nossa sala fresca, com os stores corridos e uma meia luz indefinida, sento-me na poltrona junto ao piano, pernas estendidas, charuto nos dentes, olhos cerrados.

E os olhos cerrados, digo:

— Tocas alguma coisa, Margarida?

Logo o frú-frú das suas saias passa ao pé de mim: sinto-a que se ageita ao piano, que abre a musica...

Pela janela entreaberta entram em sonhadoras ondas os perfumes das mimosas em flor...

...Abre a musica, e a canção do *Bon vieux temps*, de Bachmann, principia.

E eis que a canção do *Bon vieux temps*, de Bachmann, me transporta a uma velha côrte mediavel, um salão severo, ornado de panoplias e armaduras, onde uma joven duqueza, sentada n'um almadraqoe rico, canta acompanhada saudosamente ao alaúde. O senhor rei, um moço magro e triste, cavaleiro e trovador, barrete de veludo preto com sua pena de gavião ao lado, ouve-a cantar, sentado na sua cadeira coroada, as mãos apoiadas no punho da sua espada d'ouro, o queixo poisado nas mãos, o nariz alongado. Em frente as damas, princezas e condessas, perfis aristocraticos e finos, todas conselheiras dos tribunaes d'amor, escutam tambem a duquezinha de olhar azul e doce, que veio de um convento longinquo, a ver se adoça com a sua voz angelica a taciturnidade real.

Ela ahi está cantando, as vestes de setim branco, a cabeça meio inclinada, o olhar erguido e casto, sem mecher-se, vida só nas pontitas dos dedos afusados e rosas que vão dedilhando as cordas.

Por traz do rei, de pé, os infanções e ricos-homens, jubões golgeados, perna traçada, encostam-se elegantemente ás suas durindanas famosas.

Pianinho. A virgem acaba de tocar, e, os olhos no chão, poisa o alaúde nos joelhos. O rei tira o barrete de veludo preto com sua pena de gavião ao lado e diz:

— Então seus grandes maratos, vem para aqui *fazer* musica e deixam-me a dormir na sala de jantar!

E o papá-sogro, este papá-sogro que é um massador em politica e um *diletante* finissimo, entra muito alegre na sala, pé ante pé, arrependido já de ter perturbado a filha, que termina a canção do *Bon vieux temps*, de Bachmann.

— Bravo, muito bem, diz ele, batendo as palmas: e eu beijo a boca vermelha e fresca de minha mulher que é uma amorosa e formosissima mulher.

GUILHERME GAMA.

Parte Oficial

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 16

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diferentes distritos.

Relações dos portuguezes falecidos nas areas dos consulados de Lima, Calao e Hawai.

Diario de 17

Anuncio de estar aberto concurso pelo praso de 30 dias, para o provimento do logar do delegado de saude de Bragança, com o vencimento de 120$000 reis anuaes e as respétivas gratificações.

Relatorio do conselho superior de instrução publica.

Carta de ratificação do convenio para a permutação de fundos entre Portugal e Hespanha.

Diario de 18

Decreto mandando proceder ás eleições para juizes de paz.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diferentes distritos.

Lista dos portuguezes falecidos na área do consulado do Rio Grande do Sul referente ao mez de março de 1886.

Mapa do movimento dos espolios dos portuguezes falecidos na área do consulado do Rio de Janeiro, referido ao mez de março de 1886.

Telegrafia

Marselha, 16. — O consul argentino n'esta cidade desmente que haja colera em Buenos-Aires.

Paris, 16. — Ha grande irritação em S. Petersburgo contra os discursos do marquez de Salisbury. A Russia continua a dizer que não ocupará a Bulgaria, mas receia que se veja a isso obrigada pelos acontecimentos.

Berlim, 16. — O imperador Guilherme está constipado.

Londres, 17. — As autoridades tomaram sérias precauções em vista da demonstração que os socialistas preparam para realisar no proximo domingo em Trafalgar-Square. Assegura-se que o marquez de Salisbury recusará receber a deputação socialista que deve ir procural-o n'esse mesmo dia.

Os jornaes *Times* e *Standard* continuam a prégar aos bulgaros a persistencia. O *Standard* menciona o boato de um projéto de conferencia internacional, em Berlim; mas reconhece que é uma simples sugestão e que a diplomacia europeia terá

muito a fazer, primeiro que possa achar base solida para as suas deliberações.

Buda-Pest, 16.—O conde de Kalnoky declarou na comissão de negocios estrangeiros da delegação hungara, que é necessario participar ás potencias para se modificar o estatuto bulgaro e regulamento respétivo, porque a questão não depende só da Austria-Hungria; o governo, portanto, não pode manifestar nada a tal respeito.

Rio de Janeiro, 17.—Chegou hoje a este porto vindo de Lisboa o paquete *Mondego* da Companhia da Mala Real Ingleza.

Berlim, 17.—A enfermidade do imperador Guilherme é resultado de um resfriamento.

Atenas, 16.—Os deputados da oposição pediram hoje na camara cópia da correspondencia diplomatica relativa ás escaramuças que houve nas fronteiras durante o bloqueio. O sr. Tricupis recusou dar comunicação d'essa correspondencia, e póz questão de gabinete. A oposição retirou-se da sala das sessões.

Constantinopla, 17.—O sultão está decidido, segundo se afirma, a tomar a iniciativa para que se resolva a questão da Bulgaria.

Viena, 17.—Os jornaes austriacos manifestam certa aprehensão com respeito ás consequencias dos debates das delegações, que são proprios para irritar a Russia, porquanto animam a Bulgaria á resistencia.

Berlim, 17.—O imperador Guilherme está melhor. Esta manhã recebeu os relatorios de varios funcionarios superiores.

Londres, 17.—O conselho de gabinete discutiu hoje largamente negocios externos e varias questões, que ha de submetter ao parlamento na proxima sessão.

O governo resolveu não prohibir o comicio socialista anunciado para o proximo domingo; toma, porém, sérias precauções militares.

Buda-Pest, 17.—O presidente da comissão de negocios estrangeiros da delegação bulgara, agradeceu ao ministro, conde de Kalnoky, as informações que se dignou dar-lhe sobre o seu procedimento politico.

Madrid, 18.—O sr. Emilio Castelar declarou hontem em um banquete, em Paris, que aceita a direcção da organisação de um congresso americo-grego e latino, que ha-de reunir-se n'aquela cidade no ano de 1889.

Tenerife, 18.—O paquete inglez *Cotopaxi*, da Companhia Navegação do Pacifico, passou em frente de Tenerife hontem ás 3 horas e 23 minutos da tarde, vindo da America do Sul com destino para Lisboa.

Berlim, 18.—Consta que está iminente a retirada do general Kaulbars, da Bulgaria.

Atenas, 17.—Tendo a camara dos deputados recusado votar sobre a questão de confiança, o ministerio dará a sua demissão ou dissolverá a camara.

Carta de Lisboa

19 de novembro de 1886.

Estão feitos os despachos para os tribunaes administrativos, e assim em vesperas de realisação uma das mais importantes disposições do novo Codigo, incontestavelmente uma das glorias do atual governo.

— Os jornaes continuam a ocupar-se do enorme triunfo obtido pelo governo nas ultimas eleições, e decerto será este ainda por muitos dias o assunto que mais ha-de preencher a atenção do nosso mundo politico.

— O boato que se tem feito correr de que o governo pensa na dissolução da camara dos deputados é inteiramente inexáto.

— Os concorrentes a lugares de aspirantes das alfandegas do 2.º e 3.º grupo, obtiveram a seguinte classificação:

10 BB os srs.: Manuel Augusto de Almeida Lemos, Luiz Fernando Coelho Mexia, José Chianca, Jaime Alfredo Correia Mendes, José Maria de Segurado Mendonça, João Joaquim Ramos e Melo, Jacinto Augusto Betencourt, Joaquim Monteiro de Andrade, Luiz Antonio de Brito, Adriano Augusto da Conceição Ramos, Henrique Albino de Azevedo, José Garret Correia de Freitas, Joaquim José Pereira Amado Judice, Manuel João Fiuza, Carlos Urbano Maurity dos Reis, Severo Gonzales de Medina, Francisco de Azevedo Coutinho, João Ivens Ferraz, Salvador Pinto de Oliveira França, Luiz Caetano da Rocha Rodrigues Bastos, Adrião Bandeira, Antonio Monteiro de Andrade, José Luiz Vieira de Castro.

9 BB e 1 E os srs.: José Sebastião Franco, Abilio Francisco Pereira, João de Deus Antunes Pinto, Luiz Eduardo Jaques Salis, Joaquim Emilio de Almeida Tovar, Afonso Cañet de Castro, José Isidoro Pires Leiria, José Maria de Moura Brito, Fernando Augusto Silka, Manuel José Neto, Ernesto José do Cruzeiro Seixas, Henrique Luiz Trigoso, João Sabino de Almeida Pimentel, Antonio Filipe da Silva Junior, João Duarte Moreira, Antonio Pedro Leiria, Pedro Batista Ribeiro, Luiz Augusto Rodrigues, Manuel Alfredo Gonçalves Pereira, Antonio Pereira Ciroa e Luiz Ribeiro Soto Maior.

8 BB e 2 EE os srs.: Joaquim Augusto Vilas Boas Rebelo, Manuel de Azevedo Fialho, Frederico Vitor Gomes Mariares, Antonio Maria Cardoso, José Adolfo Valdez Faria o Manuel Gomes Xavier.

6 BB e 4 EE os srs.: Sebastião Formozinho Sanches, Alberto Infante da Camara Souza, Samuel de Lacerda Almeida, Jaime Arthur de Castro Barrote, Antonio Pedro Xavier Teixeira e Francisco Paula Santos Costa.

4 BB e 6 EE os srs.: Antonio Batista Gonçalves Dias, Francisco José de Moraes e João Jacinto Aragão Valadares.

— Consta que o sr. marquez de Pomares toma brevemente conta do governo civil de Lisboa.

— O sr. Antonio Ruy Gomes foi nomeado administrador do concelho de Rezende; o sr. João Pedro Peixoto, para o de Redondo; o sr. Miguel Maria Gonçalves, para Azambuja; o sr. Luiz Pinto de Azevedo, para Benavente; o sr. Carlos Bacelar, para Borba; e o sr. Casimiro de Abreu, para Moura.

— O sr. presidente do conselho de ministros José Luciano de Castro deu já hontem um passeio de carruagem.

— Foi autorisada a construção do caminho de ferro da Beira Baixa entre Castelo Branco e Alpedrinha.

— Foi transferido da estação da Boavista para a da alfandega do Porto o sr. Afonso Velado.

— Foi nomeado efétivo o administrador substituto de Souzel.

— A freguezia de Sabugueiro foi anexada a Cêa.

— Fixou-se em 250$000 réis a gratificação ao thesoureiro da junta geral d'esse distrito.

— O sr. Alvaro Machado, secretario geral da Horta, foi transferido para Bragança.

— Foram nomeados os peritos para fazerem exame de sanidade na proxima terça-feira ao assassino do cabo Pereira, o alferes Marinho da Cruz.

— Foram hontem á assignatura os despachos dos tribunaes administrativos.

— A festa militar, promovida pelos oficiaes de artilheria, é no dia 23 do corrente.

— O sr. Zeferino Pinto, delegado de saude do distrito de Bragança, foi exonerado.

— Entre outros, foram declarados quites para com a fazenda publica, na ultima sessão do Tribunal de Contas, os seguintes responsaveis: Chefe da estação telegrafo-postal, em conta de rendimentos postaes, de Idanha-a-Nova, de 18 de março a 30 de junho de 1885; pagador das obras publicas do distrito d'Aveiro, 1884-1885; diréctor do Instituto Industrial do Porto, 1884-1885; pagador das obras publicas do distrito do Porto, 1884-1885; tesoureiro da Junta do Credito Publico, 1884-1885; tesoureiro pagador do distrito de Bragança, 1882-1883.

— Foi nomeada dama camarista de S. M. a rainha a sr.ª condessa de Mossamedes, uma das senhoras mais respeitaveis da nossa aristocracia.

— Foram nomeados para embarcar no couraçado *Vasco da Gama* o 1.º tenente sr. Antonio de Carvalho Brandão, e na canhoneira *Sado* o 2.º tenente sr. Anibal dos Santos Dias.

— O 1.º tenente da armada sr. João Alberto Godinho de Faria e Silva vai ser nomeado comandante da canhoneira *Guadiana*.

— Ao capitão tenente da armada sr. Francisco de Paula Teves commandante da canhoneira *Liberal*, foi concedida licença para aceitar um relogio que lhe offerece a Companhia Portugueza do Zaire, pelo socorro prestado á barca *Cold Straim*, pertencente á referida Companhia.

— O sr. arcebispo-bispo do Algarve ordenou aos parocos da sua diocese, que á missa conventual aconselhassem sempre os chefes de familia a enviarem seus filhos á escola proxima, e que eles, parocos, vigiassem com interesse a frequencia do ensino dos alunos.

—Na proxima primavera S. A. o sr. infante D. Afonso irá ao estrangeiro em viagem de instrução.

— S. M. el-rei o sr. D. Luiz mandou comunicar á viuva do insigne actor Santos que tomava a seu cuidado a educação do filho mais velho do desditoso artista.

— S. A. o principe real D. Carlos mandou entregar a importante quantia de 1:200$000 reis á comissão promotora da festa militar em favor dos artilheiros mutilados em Sacavem.

— Acaba de ser decretado o levantamento da carta agricola do paiz.

— Foi nomeado delegado para a Guiné o sr. Gustavo Roboredo Sampaio Melo; e transferido para Damão o sr. Monteverde, juiz em Lourenço Marques.

— Ordenou-se que o transporte de guerra *India* esteja pronto a largar do porto de Lisboa na proxima sexta-feira, a fim de conduzir a Gibraltar o governador geral do Estado da India, o sr. conselheiro Augusto Cesar Cardoso de Carvalho.

Y.

ANUNCIOS

EDITAL

Manuel Firmino d'Almeida Maia, antigo Deputado da Nação, Cavalleiro da Legião de Honra, e Presidente da Camara Municipal do concelho de Aveiro, etc.

271 FAÇO saber que, no proximo domingo, 21 do corrente, serão affixadas, nas portas da egreja parochial de todas as freguezias d'este concelho, as listas do contingente de recrutas para o serviço militar do corrente anno, indicando os nomes e os numeros dos mancebos, que pertencem ao serviço effectivo, e bem assim dos que formam o contingente da 2.ª reserva.

Todos os individuos, que se acharem mencionados nas ditas listas, deverão apresentar-se n'esta Secretaria, até ao dia 26 do corrente, a solicitar guia de marcha para a inspecção, sob pena de serem logo autoados infractores, e julgados refractarios, nos termos da Lei de 21 de maio de 1884.

E para constar se passou o presente, para ser publicado pela imprensa, e outros de egual theor, para serem affixados nos logares mais publicos do concelho.

Aveiro e Secretaria da Camara Municipal, 19 de novembro de 1886. E eu, Manuel Marques, amanuense, servindo de Escrivão no impedimento legal do respectivo, que o subscrevi.

O Presidente da Camara
Manuel Firmino d'Almeida Maia.

BALSAMO ODONTALGICO DE MOURA

130 COM o uso d'este balsamo cessam instantaneamente as dores de dentes por mais violentas que sejam. Frasco 200 reis.
Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

EDITAL

268 PELA Secretaria da Camara Municipal do concelho d'Aveiro, correm editos de 30 dias, a contar da segunda e ultima publicação d'este em qualquer jornal d'esta localidade, citando o mancebo Manuel, filho de José Gonçalves Ramalho e de Roza Dias, d'Eixo, o qual, tendo sido procurado, não foi encontrado, para, no praso de cinco dias, depois de findar os editos, comparecer n'esta Secretaria para ser inspeccionado como recruta de 1885, suplente da 2.ª reserva, sob pena de ser autoado como infractor, e julgado refractario.

Aveiro e Secretaria da Camara Municipal, 14 de novembro de 1886. E eu Manuel Marques, amanuense, servindo de escrivão da Camara, que o escrevi.

O Presidente da Camara
Manuel Firmino d'Almeida Maia.

Concurso

270 NOS termos dos artigos 2.º e 3.º do decreto de 24 de dezembro de 1874 está aberto concurso por espaço de 30 dias, que hão-de findar no dia 6 de dezembro proximo futuro, para provimento de um lugar de escripturario de fazenda do concelho de Albergaria.

Até ás 3 horas da tarde do mencionado dia deverão os concorrentes ao referido lugar apresentar n'esta repartição de fazenda os seus requerimentos, acompanhados dos documentos em que provem ter pelo menos as seguintes habilitações: — 1.º, 18 annos de edade; 2.º bom comportamento moral e civil; 3.º exame de instrução primaria, como habilitação para os lyceus nacionaes. Os candidatos, que pela sua idade estiverem sujeitos ás leis do recrutamento, devem apresentar documento com que provem haver satisfeito ao determinado nas mesmas leis.

Repartição de fazenda do districto de Aveiro, em 17 de novembro de 1886.

O inspector da fazenda,
Diniz Kopke Severim de Souza Lobo.

O **Elixir alimenticio DUCRO** é muito agradavel ao paladar e as **pessoas a quem mais repugnam os alimentos, o tomam até por gosto.**

É um tonico poderosissimo, aconselhado para as mulheres e crianças delicadas, os velhos, os convalescentes em quem desperta o appetite e restabelece as forças.

ELIXIR CARNE AGUARDENTE ALIMENTICIO CASCAS de LARANJAS AMARGAS DUCRO

Convem sobretudo nos paizes quentes, onde as forças diminuem pela transpiração, e onde se esta sujeito a molestias contagiosas. — *Para mais detalhes, leia-se o prospecto que acompanha cada vidro.*

Pariz, 20, Place des Vosges
E EM TODAS AS PHARMACIAS

Annuncio

264 ALBINO DAS NEVES, assistente na villa de Ilhavo, tenciona pôr á venda, no dia 28 de novembro, pelas 10 horas da manhã, um char-á-banc de 11 logares, em bom uzo, dois carros de duas rodas, tambem em bom uzo, dois cavallos e tres eguas, todos a puchar a carros, assim como os arreios competentes e mais pertences. Quem pretender, compareça em casa do annunciante n'aquelle dia e hora.

CÃO

269 PERDEU-SE um felpudo, pequenino, branco, tosquiado do meio para traz. Quem o entregar no Hotel Cysne do Vouga, ou indicar onde elle está, receberá **grandes alviçaras.**

AVISO

272 PREVINEM-SE os possuidores de titulos de divida fundada, tanto de assentamento como de coupons, que devendo principiar o pagamento dos respectivos juros no dia 20 de dezembro proximo futuro, se recebem n'esta repartição, desde o dia 20 do corrente até ao dia 9 do referido mez de dezembro, as relações de juros do actual semestre e dos atrazados, devendo as mesmas relações conter os titulos descriptos pela ordem numerica, e serem assignadas, selladas e reconhecidas competentemente.

Repartição de fazenda do districto de Aveiro, em 18 de novembro de 1886.

O inspector da fazenda,
Diniz Kopke Severim de Souza Lobo.

PARIS

GRANDES ARMAZENS DO

Printemps

NOVIDADES

Sedas, Lãs, Pannos, Chitas, Modas, Confecções, Fatos para Meninos e Meninas, Roupões, Saias, Enxovaes para Senhoras e Crianças, Fanqueria, Espartilhos, Rendas, Linhos, Lenços, Algodões brancos, Cortinas, Fazendas para moveis, Tapetes, Moveis, Artigos para camas, Camisas, Artigos de malha, Fatos para Homens, Calçado, Chapeos de Chuva, Luvas, Chales, Gravatas, Flôres, Plumas, Passemanaria, Fitas, Artigos de retrozeiro, Artigos de Paris, Artigos de couro, Perfumaria, etc.

Sahiu á Luz

O **MAGNIFICO ALBUM ILLUSTRADO** editado em Portuguez e Francez contendo **560 gravuras**, modelos ineditos para a **Estação d'Inverno**, que é enviado **gratis** e **franco** de porte, a quem o pedir em carta franqueada, dirigida a

MM. JULES JALUZOT & Cie
PARIS

São egualmente enviadas **franco** de porte, as amostras de todos os tecidos de que se compõe o variadissimo sortimento do *PRINTEMPS* (Bem especificar os generos e preços.

Casa de reexpedicção em Lisboa
102, T. de S. Nicolau, 1.º LISBOA.

As Senhoras podem consultar na nosa Casa de reexpedicção todas as *Amostras* e *Catalogos* que ahi se acham patentes.

Expedicções para todos os paizes do Mundo.

PILULAS PEITORAES DE MOURA

132 ESTE medicamento, de uma composição vegetal e debaixo da fórma de pilulas, o que facilita muitissimo a sua administração, e de uma incontestavel efficacia na bronchites tanto agudas como chronicas, defluxos, tosses, rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dôres de peito, escarros de sangue, etc Acompanham esta especialidade numerosos attestados que justificam os seus creditos. Caix 500 reis. Deposito no Porto, Felix & Filho.

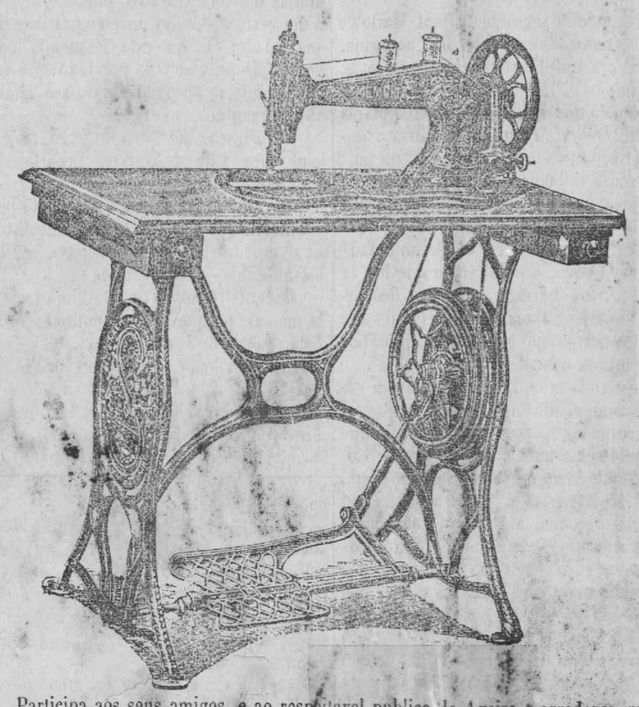
Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

Previne-se o publico, para não ser illudido, que são falsificadas as pilulas em cujas caixas não fôr o nome Felix & Filho.

137 AMATEUR PRIMEIRA EXPOSIÇÃO

ASTHMA E CATARRHO
Curados COM OS **CIGARROS ESPIC** Em França 2 fr. a CAIXA
Opressões, Tosses, Constipações, Nevralgias
Em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil.-Paris. Venda por grosso, J. ESPIC, Rue St-Lazare, 20. *Exigir esta assignatura sobre cada Cigarro.*

NOVO DEPOSITO
DE
MACHINAS DE COSTURA
CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES
Rua Direita—Aveiro



Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi [illegible] que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outr[illegible] cantes, as quaes pelo sua qualidade muito superior ás que por ahi se vend[illegible] comtudo vendidas por tão diminutos preços que difficilmente outras casas de [illegible] genero poderão competi[illegible].

Peças soltas, agulhas, algodões, ole[illegible]rgaes, etc. 52

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

7

NUMERO TELEPHONICO 168

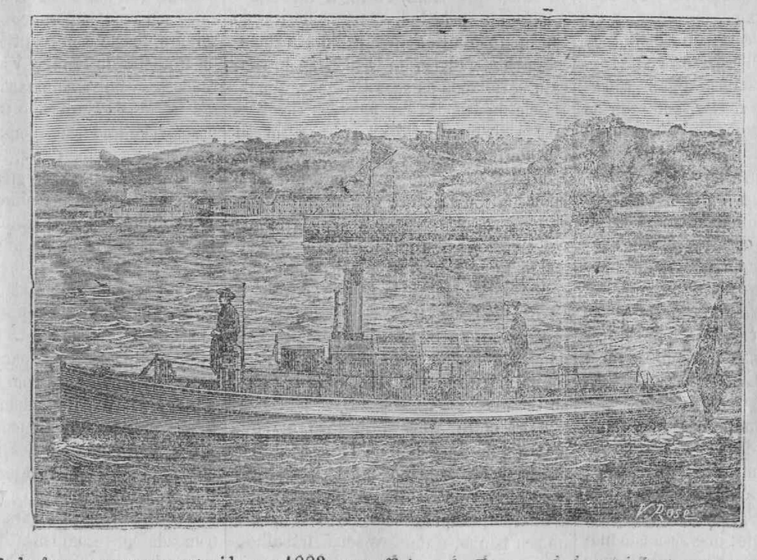
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

FUNDIÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES A' PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor; construida em 1883, nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação ndição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores como nas provincias, ultramar, ilhas ou ao estrangeiro, de quaes que obras de ferro ou madeira, para construcções civis mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como **telhado, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo. etc.**

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 1, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, Santo Amaro, Lisboa.

POS DENTIFRICOS DE MOURA

131 ESTES pós limpam os dentes sem prejudicar o seu esmalte, dando-lhes um brilho e alvura admiraveis; fortificam as gengivas, tiram o mau halito e previnem a carie de resultados tão funestos quanto dolorosos. Caixa 200 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

22

MOLESTIAS SECRETAS

CAPSULAS RAQUIN

Unicas capsulas de gluten **com copahiba**, approvadas pela Academia de Medicina de Pariz.

Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam eructação. Empregadas só ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas.

A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas.

EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES

Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a *assignatura* de *Raquin* e o sello official (em azul) do *governo francez*.

DEPOSITOS: **FUMOUZE-ALBESPEYRES**, *78, Faubourg Saint-Denis*, PARIZ, e em todas as boas pharmacias do extrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibato de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebinthina, e a **INJECÇÃO RAQUIN**, complemento de todo tratamento

21

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos

LARGO DA CADEIA

As pessôas que conhecem as **PILULAS** do DOUTOR **DEHAUT** DE PARIS não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais lhe convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.
5 fr. e 2 fr. 50

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia. no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunch* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao *toast*, para facilitar completamente a digestão

Para evitar a contrafacção, os envolucro, das garrafas devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da le de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

DIRECÇÃO

5

DAS

OBRAS PUBLICAS DE AVEIRO

ESTRADA REAL N.º 42 DE VIZEU AO PORTO

LANÇO DO MORADAL A SANTA CRUZ

ARREMATAÇÃO

265 PELA Direcção das Obras Publicas do districto de Aveiro se faz publico que no dia 30 do corrente, pelas 12 horas, serão recebidas perante a Administração d'este concelho propostas separadas em carta fechada para a execução de terraplenagens e fornecimento de materiaes a fim de ser construida a parte do referido lanço entre os perfis 97 e 334 na extensão de 3:250^{m},00.

BASES DE LICITAÇÃO

N.º 1—Terraplenagens completas, 8:000$000 reis. Fornecimento de 2:800^{mc},0 de alvenaria, 1:260$000 reis.....	9:260$000
N.º 2—Fornecimento de 5^{m},00 de cantaria, em desbaste (granito)..	24$000
N.º 3—Idem de 25^{mr},00 de cal viva.....	150$000
N.º 4—Idem de 1:000me,0 de saibro.....	400$000
N.º 5—Idem de 30^{m},0 de lagedo (granito).....	96$000
N.º 6—Idem de 60^{mc},0 de seixo para calçadas (quartz).....	24$000
N.º 7—Idem de 4:041me,0 de pedra britada (perfis 0 a 334 — granito ou quartz).....	2:020$500

São prevenidos os concorrentes de que nos termos do artigo 1.º das condições geraes de 8 de março de 1861 e mais legislação em vigor, devem provar por documento autentico ter depositado na Caixa Geral dos Depositos ou em alguma das suas delegações a quantia de 25 por cento sobre a base de licitação respectiva, sem o que não serão admittidos ao concurso. Para a licitação sobre a empreitada parcial n.º 1 é, além d'isso, indispensavel a prova de competencia para a execução dos trabalhos.

O deposito definitivo, no caso da adjudicação, será de cinco por cento. Todas as condições e mais esclarecimentos sobre este concurso estão desde já patentes n'esta Secretaria todos os dias não sanctificados desde as 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Aveiro e Direcção das obras publicas, 12 de novembro de 1886.

O engenheiro director
Antonio Ferreira d'Araujo e Silva.

TAEZ MIL CONTOS

PARA OS RICOS, REMEDIADOS E POBRES!

Antonio Ignacio da Fonseca

convida o publico para a GRANDE LOTERIA DE MADRID de 23 de dezembro de 1886. Os premios maiores são de:

7:602 PREMIOS	1 de 450:000$000	20 de 4:500$000	7:602 PREMIOS
	1 » 360:000$000	2:048 » 435$000	
	1 » 180:000$000	4:999 » 87$000	
	1 » 135:000$000	495 » 435$000	
	1 » 90:000$000	2 ap 9:000$000	
	2 » 45:000$000	2 » 5:400$000	
	3 » 22:000$000	2 » 3:600$000	
	4 » 14:000$000	2 » 2:520$000	
	16 » 9:000$000	2 » 4:800$000	

7:602 PREMIOS

Bilhetes a 105$000, meios a 52$500, quintos a 21$000, decimos a 10$500
Cautelas de 4$800, 3$000, 2$400, 1$200, 600, 480, 240, 120 e 60 reis.
Series de cem numeros para 480$000, 240$000, 120$000, 60$000, 48$000 24$000, 12$000 e 6$000 reis, com premios garantidos.
Series de cincoenta numeros de 240$000, 120$000, 60$000, 48$000, 24$000, 12$000, 6$000 e 3$000 reis, com premios garantidos.
Os bilhetes e decimos vendidos n'esta casa levam um carimbo especial
ANTONIO IGNACIO DA FONSECA satisfaz todos os pedidos na volta do correio em carta registada, e aceita em pagamento tudo que tenha prompta liquidação.
Envia listas e telegrammas.
Manda satisfazer nas localidades os premios grandes.
Recommenda que as cartas de pedidos, que acompanhem valores, sejam registadas.
Tem filial na=*Feira de S. Bento, 33 a 35, Porto*=onde satisfaz tambem pedidos.
Casa principal em Lisboa

56 A 64, RUA DO ARSENAL, 56 A 64

Pedidos ao cambista

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA
LISBOA

263

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO.